BIZZ

5691 - JANEIRO 1995 • ANO 09 • Nº 01 EDIÇÃO 98 • Cr$ 49.000,00

EDITORA AZUL

exclusivas
ALICE IN CHAINS
ENGENHEIROS

entrevistão histórico
SEX PISTOLS
& IGGY POP

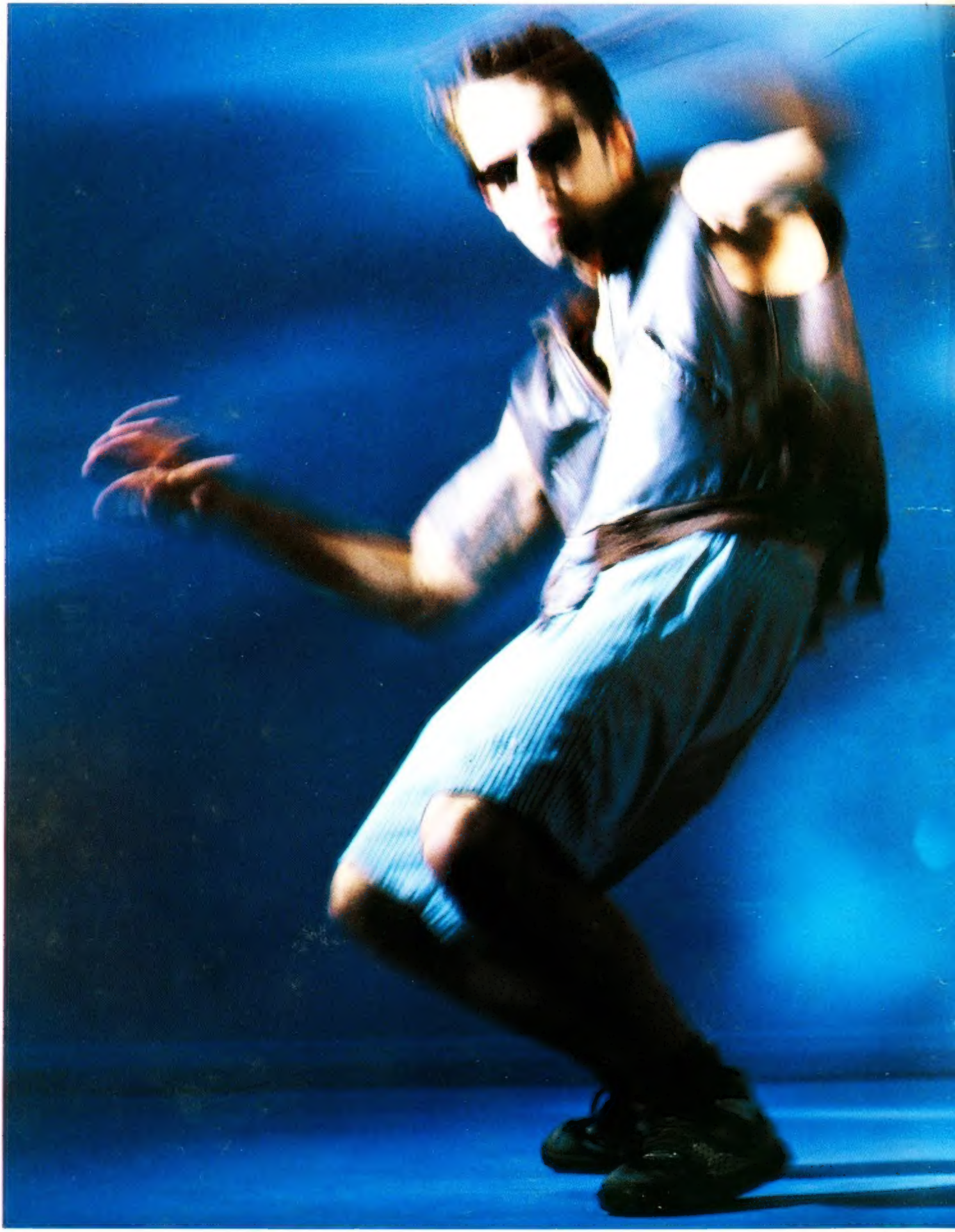
RAMONES
MUDHONEY
PETER
GABRIEL

RED HOT CHILI PEPPERS NO BRASIL!

• A VIDA SEXUAL DE ANTHONY KIEDIS

• ENTREVISTA COM FLEA

Leo Burnett



Ombro pra cima, cabeça pra baixo, joelho pra fora, mãos pra dentro, olhos fechados, boca aberta, pés no chão, grito no ar. Ligue o seu Gradiente

A VIDA SERIA MUITO LOUCA SEM GRADIENTE.

gradiente

Você vai ver que tudo isso faz muito sentido.

GRADIENTE. A SUA TRILHA SONORA.

Foto PB: Rochelle Costi/Foto Cor: Mario Fontes Lá Lalalá Lalála

Lar Doce Lar

MUSIC TELEVISION

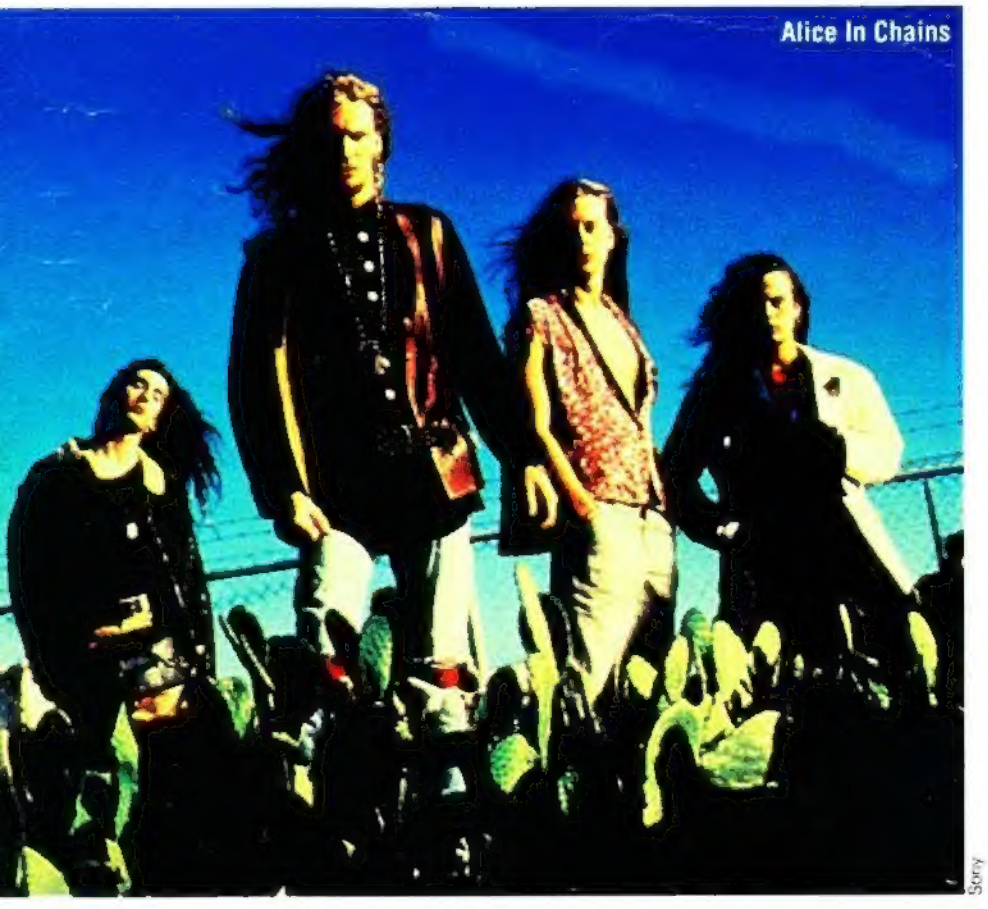
BARÃO VERMELHO

O maior chavão deste fim de ano foi renegar 92. Dizer que o ano foi uma droga, terrível. Espera lá. Que 92 foi difícil em termos de dinheiro, isso foi mesmo. Todos – você, nós, o país, a BIZZ – tiveram que enfrentar uma barra pesadíssima, que incluiu até aposentar um presidente no grito.

Mas o melhor rock, o melhor da arte em geral, sempre foi feito sob pressão. Quanto mais dinheiro em jogo, mais a gente aposta. E assim é que 92 foi o ano em que o rock pelo mundo afora e a música brasileira em particular deram os maiores sinais de vitalidade, novidade, urgência, desde meados dos 80. Justamente quando esta revista foi criada.

Prova maior está no Hollywood Rock deste ano. Dois dos *headliners* são gente que estourou em 92, apesar dos muitos anos de glórias alternativas dos Chili Peppers, revisitados numa entrevista com o louco-mor Flea nesta edição. Duas das bandas brasileiras escaladas, DeFalla e Dr. Sin, saltaram direto de bares esfumaçados para os refletores de estádio.

O que quer dizer uma série de coisas. A principal é: no Brasil, os anos 80 demoraram quase três anos para morrer de vez. Agora, finalmente, foram enterrados. A mudança de cenário na música e na cultura deste país se radicalizaram em 92 e vão explodir em 93. A BIZZ vai estar mais afinada que nunca com essas mudanças – e com vocês, que não perdem por esperar.



Sony

Foto de Capa LF1/Produção Eletrônica Bureau Azul

6 **SHOWBIZZ**
Traci Lords, Leandro e Leonardo, 007

12 **FAST FORWARD**
Happy Mondays, Gessinger, Licks, Maltz

18 **RED HOT CHILI PEPPERS**
Sexo, sexo, sexo e rock'n'roll

24 **DETONANDO EM 93**
8 bandas que saem da garagem este ano

31 **ENTREVISTÃO**
Iggy Pop exclusivo e a volta (!) dos Pistols

40 **ALICE IN CHAINS**
Peso complicado

44 **AO VIVO**
Mudhoney, Bruce Springsteen, Wailers

49 **DISCOS**
Ramones, Yo-Ho-Delic, Primus, Abba

53 **VÍDEO**
ZOO TV Tour e a pré-história do Metallica

62 **LETRA**
"Digging In The Dirty", Peter Gabriel

64 **CARTAS**
Axl Rose, Izzy Stradlin

66 **DISCOTECA BÁSICA**
The Yardbirds

SHOWBIZZ

MANÍACOS POR TRACI

Traci Lords, ex-estrela pornô teen e atriz de *Cry Baby*, sempre disse que queria muito gravar um disco. Já teve até banda. Mas com tanto "machão" no viril mundo do rock'n'roll, só os Manic Street Preachers, quatro ingleses magricelas, maquiados e trashentos, tiveram peito de encarar uma *session* dividindo o microfone com Traci. Deu tudo certo e o resultado saiu em "Little Baby Nothing", single mais recente do disco dos Manics, *Generation Terrorists*.

Paul Slattery/Retna

Stills

ICE CUBE VOLTA NERVOSO

O rapper mais mal-humorado do mundo está no elenco de *Trespass* ("invadir"), com seu quase xará Ice-T. O filme teve estréia adiada em seis meses por causa dos *riots* de L.A. A direção é de Walter Hill, de *48 Horas*. Como se não bastasse, seu novo disco *The Predator* entrou direto em primeiro lugar na parada americana (os últimos de Madonna e Bon Jovi entraram em 2º e 5º). Vai enfrentar o novo do colega Ice-T, *Home Invasion*, que sai este mês.

Kevin põe Kemp na parede

Warner

NEW ROMANTIC NAS TELAS

Gary Kemp ninguém sabe quem é, mas ninguém esquece "True", a balada de seu grupo Spandau Ballet (e ano passado do PM Dawn). O Spandau empacotou, mas Kemp está sendo a única coisa elogiada de O Guarda-Costas *(aquele com Whitney Houston Brown e Kevin Costner). É seu segundo filme: ele já tinha feito um gângster no aqui inédito* The Krays.

SAINDO SOLO

Black Francis, dos **Pixies**, vai lançar em março seu primeiro álbum solo. Para o disco, Francis adotou o nome de Black Frank. Segundo a *Melody Maker*, há uma versão dance de "Hang On To Your Ego", faixa obscura dos Beach Boys. E ofuturo dos Pixies? Parece ameaçado por divergências internas.
Stone Gossard, do **Pearl Jam**, também lançará seu solo em março. O guitarrista passou boa parte do ano trabalhando no disco, que, segundo consta, não é nada parecido com PJ, e sim próximo à dance music (!).

A MORTE DE AXL

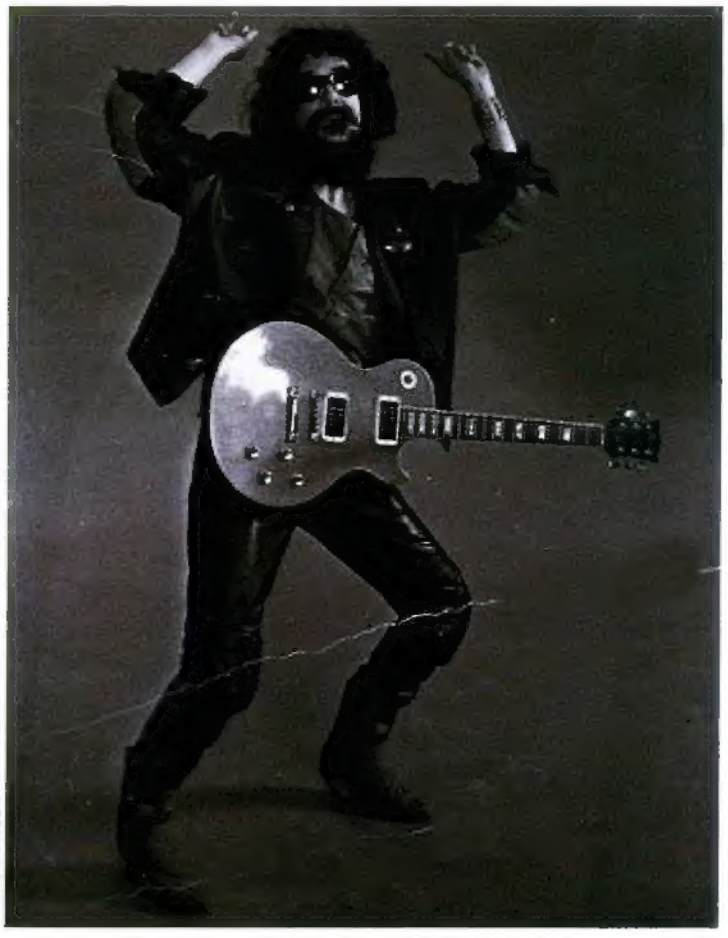
Estrangular e trucidar Axl Rose: o sonho de muitos pais e bangers radicais. Por enquanto isso só aconteceu nos quadrinhos. Foi na história "Stage Coach", publicada pela *Heavy Metal* americana de janeiro. Sinta o aperto de Axl...

LONDRES

A bruxa está solta: primeiro os Happy Mondays cancelam seus shows na Europa devido a vendas fracas de ingressos; depois foi a vez do Motörhead, que só tocou mesmo em Londres; Julian Cope adiou sua turnê por doença (sendo em seguida "desligado" de sua gravadora, Island); e por último foi a vez do Farm. Em plena sexta-feira 13, tiveram que abandonar o palco após 30 segundos de show, por causa de um *blackout*. Ufa! • A Creation está lançando *The Transformed Man*, o LP lançado nos anos 70 por William Shatner – o capitão Kirk de *Jornada Nas Estrelas* • A última da Virgin é uma rádio, que promete satisfazer a fãs quarentões do rock • O Deicide nem pisou em solo britânico e já está recebendo ameaças de morte de grupos de proteção aos animais. Glenn Benton – que numa entrevista falou sobre as coisas desagradáveis que gosta de fazer com os bichinhos – riu e aceitou o desafio • George Michael está processando sua gravadora, a Sony. Segundo o cantor, seu contrato — que vai até o ano 2003 — é injusto. Ele não se contenta com os mais de 100 milhões de dólares que ganhou desde 1982 • Paul McCartney foi até Lille, na França, para ouvir seu *Oratorio* (composto com Carl Davis) em sua estréia européia. Só que depois deixou a princesa Diana esperando nos bastidores • E por falar em família real... Phil Collins aproveitou a participação do Genesis no show beneficente anual do Prince's Trust para dar um baú cheio de CDs do grupo ao próprio príncipe Charles • Vistos no show secreto do Bon Jovi no Astoria: Cher, Right Said Fred e o ator Richard Gere • Rob Gretton, o empresário do New Order, acaba de abrir o SW1 Club em Londres. A noite de abertura parecia o Hacienda, com um público quase todo de Manchester • Avistado curtindo – e muito – o show do Television: Robert Plant e suas madeixas loiras • Nova moda nas raves e clubes: depois do Vick Vapor Rub (que era esfregado pelo corpo, aparentemente para prolongar o efeito do ecstasy), chegou a vez do Buzz Gum, o chiclete de – acredite ou não – guaraná da Amazônia!

ANAMARIA G. DE LEMOS

The Jacksons: An American Dream, mini-série que conta a história da família mais famosa do pop, deve estrear aqui este ano pela Globo. Jermaine Jackson participa da produção.



Rita Lee encarna Raul Seixas no curta *Tanta Estrela Por Aí*, dirigido por Tadeu Knudsen. Provavelmente não vai dar para você ver o filme, então só para ter uma idéia aí está Rita Seixas.

OUÇA ESSA

"Eu vi Madonna de perto e, antes disso, achava que ela pelo menos era bonitinha. Mas ela se parecia com alguém do *Beetlejuice*, cara. Agora a Kylie, essa é legal!"
Marky Mark

"Havia um boato de que eu estava pipando cinqüenta pedras de crack por dia e que cada pedra tinha vinte gramas de cocaína. Isso é bobagem! Acho que estava fumando só quinze ou vinte pedras por dia, cara!"
Shaun Ryder, Happy Mondays, esclarece como rolaram as gravações do último disco

"Tim Maia, que tomou a namorada de Paulo César"
Elma Farias, mulher de PC, respondendo quem levaria para cama

"Sempre fico contente quando penso que os críticos, quando morrerem, vão para um inferno onde terão que escutar eternamente tudo que falam que gostam. Vão passar todo o tempo ouvindo Vzyadoq Moe, De Falla, Fellini..."
Carlos Maltz, Engenheiros do Hawaii

OS NÚMEROS DA ZOO TV

Para efeito de estatística, alguns números da extensa turnê Zoo TV do U2. Peso total do equipamento:1200 toneladas. Equipe: 180 pessoas que viajam em doze ônibus e um jato fretado de quarenta lugares. Em cada cidade, mais duzentas pessoas são contratadas. O sistema de som tem 30 toneladas e precisa de mais de um milhão de watts de força. Uma média de 66 mil ingressos são vendidos para cada show, dando uma renda média de um milhão e meio de dólares.

Tim Jarvis/Retna

Cramps no Dracula

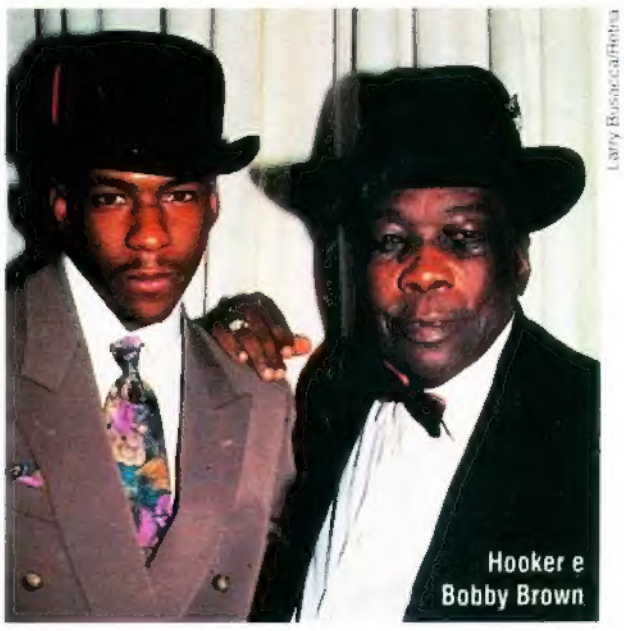
Impressione seus amigos com essa: revele quem é o autor daquele abismal uivo sub-humano no começo do *Dracula*, de Coppola. Não, não é o ator Gary Oldman! O grito é, em iguais partes, da diva dark performática Diamanda Galas e de Lux Interior, o cavernoso vocalista do Cramps. Lux foi escalado por sugestão da filha de Coppola, Sofia, fã dos mitológicos psychobillies.

A BANDA DA MADONNA

O selo Maverick de Madonna está quase contratando a banda inglesa Redman. Os shows do Redman são carregados no que Madonna gosta: sexo e luxúria. Um dos pontos altos do show é quando alguém do público sobe no palco para receber uma aplicação de óleo pelo corpo inteiro.
Enquanto isso, a última pessoa a se indignar com o livro *Sex* foi nada menos que Al Goldstein, fundador da maior revista pornô dos EUA, *Screw*. Mas não pelos mesmos motivos da maioria. Goldstein: "Estou moralmente chocado por *Sex*. É elitista, pretensioso, egocêntrico e um caça-níqueis".

JOHN LEE RECORDE

O veteranaço bluesman John Lee Hooker bateu seu próprio recorde. Ele já havia entrado para a história como o homem mais velho a entrar nas paradas inglesas quando seu *Mr. Lucky* (91) estreou no terceiro posto. Tinha 73 anos. Em novembro de 92 ele voltou com o single "Boom Boom" que graças ao seu uso num comercial de TV, voou com seus 75 anos para o top 20 inglês.



Hooker e Bobby Brown

Larry Busacca/Retna

NOJENTO DE CLEAN

Essa realmente não é muito própria para entrar numa revista que já teve João Gordo na capa, mas vá lá. O seminal músico de restaurantes Richard Clayderman (isso mesmo), quando perguntado se já tinha feito algo que sujasse sua imagem límpida, demorou dois minutos para responder até se sair com essa: "Quando vou correr no parque, às vezes estou com a barba para fazer – e eu também suo". Está procurando um lugar para vomitar? Espera aí, tem mais: "Talvez algumas pessoas achem que sou muito bom para ser verdade porque sempre me vêem na TV bem vestido, mas às vezes em casa não faço a barba e uso jeans". Agora pode ir...

SOMENTE PARA SEUS OUVIDOS

Ele ficou com as mulheres mais lindas, dirigiu os carros mais fodões, visitou os melhores lugares do mundo e viveu as aventuras mais impossíveis. Sempre acompanhado das melhores músicas. O disco *The Best Of James Bond – 30th Anniversary* reúne esses dezesseis temas imortais dos filmes do 007 como "Live And Let Die" (Paul & Linda McCartney), "The Living Daylights" (A-ha), "A View To A Kill" (Duran Duran). Melhor ainda, traz as obras-primas dos anos 60 de John Barry como as músicas para *Goldfinger*, *Moscou Contra 007*. Mais, claro, o tema original de 007. Essencial é pouco.

LEANDRO E LEONARDO

CONVIDAM ANTONIO BIVAR PARA PRODUZIR SEU SHOW

'Dupla remete a Roxy Music'

Da Reportagem Local

O dramaturgo Antônio Bivar 53 foi o primeiro produtor de um show punk em São Paulo no fim dos devoto da dupla. Nos anos 80, eu não gostava mais de nada Passava o tempo todo ouvindo orquestras de jazz inglesas dos anos 30. Então realizei um sonho

Antonio Bivar, responsável pelo primeiro festival punk de São Paulo, autor de *O Que E Punk?* e teatrólogo chique vai produzir o novo show de Leandro e Leonardo. BIZZ grampeou o encontro e esclarece tudo.

CENA: Antonio Bivar, Leandro e Leonardo discutem o cenário do novo show

BIVAR: Trouxe minha coleção de *Tatler's* (secular revista da alta sociedade inglesa) para a gente dar uma olhada, ter umas idéias... ah, olha que luxo essa festa da gloriosa Gloria Von Thurn And Taxis, no seu palacete perto de Salzburgo...

LEANDRO (rindo): Táxi? Peraí, nos desculpe seu Bilhar, mas o senhor tá confundindo a gente com a Angélica.

BIVAR: Não, não, meninos... olhem esse quarto, que glamour, essa cama trabalhada, período Tudor..

LEONARDO (interrompendo):Imagina isso no palco.

LEANDRO: Meio Wando, né, Lê?

LEONARDO: Isso vai dar muito certo, hoje em dia um toque de erotismo sempre ajuda...

BIVAR (irritado): Ei, eu vou botar o meu nome nisso, deixa eu falar. A nível de imagem, vocês me lembram bastante uma das minhas bandas favoritas. Então nós temos que trabalhar a partir disso.

LEANDRO (intrigado): Que mal lhe pergunte, seu Bijar, qual banda?

BIVAR: Deixe eu mostrar uma foto, eles são ingleses, dos anos 70... se chamam Roxy Music (mostra essa foto aí de cima do Roxy).

L & L QUÊ?!? Cruz credo, que viadagem é essa?

LEANDRO: A gente tá tentando se livrar dessa história de "música do Collor" e o senhor me aparece com uma banda que faz "música de roxo"!

LEONARDO: Seguinte: o show vai ser o mesmo de sempre. Em time que está ganhando não se mexe. Mas para dar uma moral, o seu Bish... perdão, Bivar aqui leva a fama, certo? E não se fala mais no assunto

CAMILO ROCHA

Com Cascolor Você Personaliza E Até Cola.

O nome da sua banda predileta, o grito de guerra da turma, as suas iniciais e as da gata, a sua marca registrada. Tudo isso você coloca onde quiser. É só usar a imaginação e Cascolor. Cascolor é atóxica e lavável E você encontra em 6 cores fosforescentes. 3 em cada embalagem azul, laranja e pink; vermelho, verde e amarelo Mostre para todo mundo que o mundo é seu. Use Cascolor, a nova dimensão da cola

CASCOLOR

A cola mais descolada do mundo

FAST FORWARD

Para marcar o lançamento de "Stinkin' Thinkin' ", o novo single dos Happy Mondays, um jornal inglês fez algo inesperado: saiu por aí perguntando a várias pessoas o que achavam da música no retorno da banda após um ano de quase silêncio. "Por que gastar três páginas para falar mal da gente?", indaga o cantor do grupo, Shaun Ryder. "Isso prova que ainda somos capazes de irritar muita gente."

E como! Desde sua participação no Rock In Rio II – veram protestos e muitos discos deles foram parar direto no lixo.

Os Happy Mondays foram de mala, cuia e famílias para o estúdio de Eddy Grant, onde Chris Frantz e Tina Weymouth — ex-Talking Heads e Tom Tom Club — os esperavam. "Paul Oakenfold (*DJ que produziu o álbum anterior*) estava ocupado, e nosso empresário e meu irmão Paul sugeriram Chris e Tina", explica Shaun. "O bom é que eles são músicos. Um produtor típico faz você gosto do disco agora".

...*Yes, Please!* — o título vem da maneira de uma das funcionárias do estúdio atender o telefone — é diferente de seus três antecessores. "Nós estávamos todos de saco cheio de ouvir aquelas mesmas músicas, as mesmas batidas", reclama Shaun, imitando com perfeição o som tecno. "Desta vez nem pensamos em dance e em clubes. Este é um disco que dá para sentar e ouvir." A riqueza instrumental veio por cortesia do casal produ- contrado Deus, ou, numa entrevista na MTV, "confessou" ter se prostituído. Muita gente riu, mas muita gente acreditou, inclusive os tablóides ingleses. "Foi tão engraçado", relembra Bez. "Eu ria sem parar quando vi o jornal. O Shaun ficou furioso: correu pela casa inteira, tentando me pegar!"

Por mais que reclamem, Shaun e Bez sabem que drogas, brigas e problemas com a lei fazem parte de uma imagem que as pessoas esperam dos Happy Mondays.

SOB O SOL DO CARIBE

Os branquelos ingleses bronzeiam seu dance rock com produção dos ex-Talking Heads Chris Frantz e Tina Weymouth

onde perderam e acharam seu equipamento, ameaçaram trazer muito ecstasy ao Brasil e até comeram churrasco com Ronnie Biggs –, o grupo tem estado ocupado.

Lançaram o single "Loose Fit" e um disco ao vivo — primeiro em versão pirata, *Baby Big Head*, depois oficial, *Happy Mondays Live.*

Após um outro compacto, "Judge Fudge", os Happy Mondays fizeram uma versão magnífica de "Stayin' Alive", dos Bee Gees, para um programa de TV dirigido por Malcolm McLaren.

O problema mesmo foi quando Shaun e Bez, numa entrevista ao *NME*, perderam a cautela e abriram a boca para ofender negros, mulheres e gays de uma patada só. Alguém esperava algo diferente? Sim, pois chorepetir tudo até a coisa ficar 'certa'. O Chris e a Tina não; eles viviam dizendo 'Deixa assim, está bom'."

Shaun foi o primeiro a confessar que desta vez ficou longe do estúdio na hora de compor: "Geralmente dou uns palpites. Mas neste só escrevi as letras. Não estava com saco". A explicação é óbvia: enquanto o resto da banda cuidava das gravações, Shaun e Bez, o dançarino/percussionista, viravam a ilha de cabeça para baixo.

Shaun logo estava consumindo doses quase fatais de crack e Bez arrebentou vários carros e conseguiu quebrar o mesmo braço duas vezes. Valeu a pena? "Sim", os dois respondem. "Quando terminamos eu não estava em condições de ter uma opinião", diz Shaun, "mas tor, que adicionou muita percussão à pura soca, sugerida por Chris e Tina.

Nada mal, para uma banda com reputação de preguiçosos e desorganizados. "Somos desorganizados, mas não preguiçosos", protesta Bez. "É só marcar a gravação para depois das duas da tarde, que estaremos lá."

E os boatos... é verdade que este é o álbum independente mais caro do mundo? Bez e Shaun riem. "De jeito nenhum", diz o vocalista. "Foi uma besteira que nosso empresário disse, só porque levamos nossas famílias junto. Não sei por que, mas as pessoas levam a sério tudo que falamos. Não posso mais nem fazer piadas."

No passado, as piadas acabaram mal: como quando Shaun declarou ter en-

Mas Shaun rejeita esse mundo: "Isso é o que acontece quando as pessoas tentam interpretar a fundo o que escrevo. Vou só juntando frases e palavras, que roubo daqui e dali. Às vezes não faz sentido nenhum, ou os sentidos são múltiplos".

Agora os Happy Mondays estão mais é preocupados com os próximos shows – os únicos que farão este ano –, depois dos quais voltarão aos bastidores para começar a trabalhar nas músicas para o próximo disco. Não deve ser fácil, para uma banda de quem tanto se esperou e espera. Shaun sentencia: "Ainda voltaremos a fazer algo importante. Este disco... bem, eu não queria fazê-lo, mas saiu legal. Ainda somos inclassificáveis".

ANAMARIA G. DE LEMOS

caretice ecumênica

Os ENGENHEIROS DO HAWAII vendem mais porque a crítica não gosta deles ou a crítica não gosta dos Engenheiros porque eles vendem mais?

Eles não querem ser iguais a ninguem, são brizolistas convictos, gravam milongas, têm capas feias e primárias, consideram-se moralistas e caretas e agradam em cheio ao publico fazendo o contrário do que a cartilha transgressiva do rock'n'roll prescreve.

"O que a gente pode oferecer é isso, com a maior dignidade e ética possíveis. Se não agrada, o melhor que temos para essas pessoas é continuar fazendo isso. Acho que os grandes artistas são assim: Paulinho da Viola, Roger Waters, João Gilberto...", diz Humberto Gessinger.

O baterista Carlos Maltz observa que a relação da banda com os "moderninhos" sempre foi conflituosa: "Dentro da faculdade de Arquitetura a gente já era *outsider*. A elite intelectual da escola olhava para a gente com os

mesmos olhos que nos vêem agora". Gessinger completa: "O Nelson Rodrigues falava que era humanista demais para pertencer a algum tipo de coletivismo. Nós também somos assim. Acho que é o humanismo que irrita as pessoas no som dos Engenheiros. Não é uma época humanista, mas de tribos e não fazemos som para nenhuma tribo. Se isso for careta, a gente é. Mas eu prefiro dizer ecumênico".

As convicções políticas dos integrantes da banda são outro ponto bastante polêmico. Qual seria a real ideologia deles?

"Eu sou brizolista por uma questão mais estetica que política. Eu tenho até um baixo com a efígie dele pintada." Maltz interrompe Gessinger para provocar: "Se ser de esquerda no Brasil hoje é se atirar de cabeça no público e ficar incitando as pessoas à violéncia e à droga, essas coisas assim, a gente é de direita. A gente é paz, amor, felicidade, energia positiva".

"Na última eleição a comunidade artística, ou pelo menos nossos coleguinhas de rock'n'roll, apoiaram o Roberto Freire, que era um candidato sem chances, mas que era de bom tom", diz Gessinger.

Augusto Licks: "Parece que eles têm medo de sujar as mãos, votam num candidato que sabem que não vai ganhar..."

Gessinger se entusiasma: "E o medo de ficar datado! E é isso aí que a gente quer passar! O que mais me orgulha na banda é o meu baixo, com as costas tão descoloridas de tanto eu suar em cima. A guitarra do Augustinho está completamente enferrujada na placa. A gente está com rugas, cheios de calos nas mãos. Eu acho que é uma coisa meio de neto de colono, de trabalhar com a enxada".

Humberto chegou a convidar Lulu Santos para produzir o novo álbum: "Eu achei que seria uma bela jogada! Aí eu mostrei a fita demo e ele achou muito boa... Mas eu cometi um erro: levei a

"A gente é paz, amor, felicidade, energia positiva" (Maltz)

fita com a capa já desenhada, com a ordem das músicas e ele me disse que a melhor coisa que poderia fazer era não meter o dedo".

"O Humberto tem essa concepção do projeto global. Não é fácil trabalhar com ele. O cara vem com a capa, com a contracapa... Chamam ele de caudilho por isso, mas o que as pessoas não sabem é que o regulamento rígido para os outros, para ele é mais ainda."

Por pouco, o novo disco não é batizado com mais um dos trocadilhos do caudilho: "*Ode Ao Que Se Pode, Clichês Inéditos E Déjà Vus Nunca Vistos*.... Aí cheguei no *Gessinger, Licks & Maltz*. E uma jogadinha bacana, porque tem uma tradição no rock'n'roll de bandas com nome assim: Emerson, Lake & Palmer, Crosby, Stills & Nash..."

Idolos de adolescentes de todo o Brasil e bons vendedores de discos, chegou a hora dos Engenheiros fazerem a crítica dos críticos. Gessinger: "Se os caras querem acabar conosco vão ter que trabalhar bem melhor do que estão fazendo, nos transformando em heróis. Podiam fazer uma 'associação de críticos contra os Engenheiros', um anti fã-clube e tomar um chá toda quinta à tarde. Se somos a pior banda do Brasil, esse país é um paraíso, porque somos muito bons!"

CLAUDIO CAMPOS

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Depois das tempestades sônicas de *Freedom*, *Ragged Glory* e *Weld*, **NEIL YOUNG** encontrou a bonança em **Harvest Moon**, um disco eminentemente acústico, onde reuniu velhos chapas dos Stray Gators para revisitar as baladas de *Harvest* (72). *C.P.*

Compilação póstuma do bardo **ROY ORBISON**, este caça-níqueis **King Of Hearts** é lindo demais. Basta ouvir o hit "I Drove All Night" e o seu dueto com k.d. lang, "Crying", de chorar... *A.F.*

Não, **ADEVA** não é mais uma típica "diva" dance de um hit só. Tanto que já tem singles suficientes para constituir este **Hits!**, com momentos de gênio como "Musical Freedom" e "Respect". *C.R.*

Alegria, alegria, todos os fãs do rock'n'roll mais honesto do planeta. **Gabba Gabba Hey!**, um tributo aos Ramones, traz versões detonadas por **L7**, **BAD RELIGION**, **RIGOR MORTIS** e outras bandas. Melhor, só os originais. *C.E.M.*

In The Beginning é um disco que pega o início da carreira de **STEVIE RAY VAUGHAN.** Traz um show em Austin, Texas (em 80), quando ainda se chamava Stevie Vaughan (sem o Ray), mas já fazia o diabo com sua guitarra. *R.C.*

Cinco mil participantes, palestras, debates e dezenas de shows na grande festa do rock independente

Mais de cinco mil pessoas participaram do sétimo encontro anual do CMJ (College Music Journal), realizado no Vista Hotel, em Nova York. O CMJ é uma festa das rádios universitárias e das gravadoras independentes americanas. Durante quatro dias, dezenas de palestras e debates discutiram problemas e saídas para o rock *underground*.

Bem mais interessante que as palestras foram os shows, que lotaram os clubes da cidade durante esta semana. Este ano, mais de 250 bandas se apresentaram. Com tanto show, ficava difícil escolher qual era o melhor programa.

TUDO A VER E OUVIR

Se você fosse ver o Ned's Atomic Dustbin e o Therapy?, no Irving Plaza, perderia os Mekons e a Band Of Susans, no Marquee. Na mesma noite, tocavam o Carter The Unstoppable Sex Machine no Academy, o Seaweed no Bank, os Lyres no Brownie's, as Lunachicks

ANÁLISES

no Continental e o Mudhoney no Roseland. Foi um corre-corre desenfreado, roqueiros voando em táxis de um clube para outro, para não perderem suas bandas preferidas.

"A IMAGEM É TUDO"

Alguns debates foram bem engraçados: Ace Frehley, ex-Kiss, participou da discussão "O Poder Da Imagem No Rock" e começou assim sua explanação: "Oi, meu nome é Ace e sou um rockstar profissional. Toquei na maior banda de rock de todos os tempos e acho que a imagem é tudo no rock". Depois de uma hora de abobrinhas sobre os truques e a maquiagem que usava no Kiss, ele anunciou para o ano que vem uma turnê de reunião da banda, com todos os membros originais.

O barrigudo Paul Di'Anno, ex-Iron Maiden e atualmente com os Killers, participou de um debate sobre a relação dos artistas de metal com a imprensa.

ABAIXO A CENSURA

Lou Reed foi um dos homenageados deste ano. Ele ganhou o prêmio de artista solo de 92, por seu disco *Magic And Loss*. O ex-líder do Velvet Underground fez um discurso contra a censura, em que criticou as pessoas que vaiaram Sinéad O'Connor no show de tributo a Bob Dylan, realizado no Madison Square Garden, em Nova York "Se ela rasgou a foto do Papa na TV, foi porque quis dizer algo com esse gesto, protestar contra alguma coisa que julgava errada. Ela é uma artista, tem o direito de se expressar da forma como bem entender."

Mal-humorado, Reed brigou com os fotógrafos. Convencido a se deixar fotografar, pediu um minuto para ir ao quarto de hotel se arrumar, mas fugiu por uma porta nos fundos.

Iggy Pop, Brian May (Queen) e o pastor Jesse Jackson, os outros homenageados, dispensaram o estrelismo, fizeram seus discursos e conversaram simpaticamente com jornalistas e estudantes.

PAPO-CABEÇA

O CMJ, como qualquer evento cheio de universitários e gente-cabeça, é um festival de chavões do "politicamente correto". Era impossível andar pelo hotel sem dar de cara com um bando de ecologistas fazendo campanha contra a matança das lagartixas ou com grupos pró-qualquer minoria que você possa imaginar.

A campanha a favor do aborto reuniu num mesmo show Iggy Pop, Laurie Anderson, David Byrne, Joan Osborne e mais um monte de performáticos, gente de teatro e artistas plásticos. Também, que criança iria querer nascer depois de ver um show desses?

ANDRE BARCINSKI

A ÚLTIMA MODA EM ROCK

PESO, PIMENTA, PUTARIA E PLATINA

ÀS VÉSPERAS DE EMBARCAR PARA O BRASIL, O BAIXISTA E FUNDADOR DOS RED HOT CHILI PEPPERS DÁ A RECEITA DO PUNK FUNK METALIZADO QUE CONQUISTOU O PLANETA

"Se cair um pouco de refrigerante, vinho, passe uma toalha úmida e não faça mais nada! Mais *nada*, Michael! Se for algo mais sério, *me telefone* a hora que for, que eu venho aqui. Por favor, *Michael*, me *telefone*!"

Yossi Kabani, do mais tradicional fornecedor de tapetes persas em Los Angeles, a loja Naim Brothers, esta quase berrando com Michael Balzary — alias, Flea, socio-atleta e fundador dos Red Hot Chili Peppers.

Kabani veio instalar a nova aquisição do músico para sua casa: um tapete persa imenso que levou cinco anos para ser confeccionado e custou-lhe mais do que ele gostaria de confessar (o preço medio de um persa legitimo é superior a mil dólares).

"Cuidado com esse tapete, Michael, *muito cuidado*" enfatiza Kabani, antes de saltitar em cima do persa, para provar que ele não estava escorregando, e ir embora.

"Que figura!", comentaria Flea logo depois, ele mesmo mais que merecedor da definição.Quando Kabani parte, ele se acomoda no sofá da sala. Está cercado das provas de que é bem-sucedido (um bolo de cheques recem-mandados pelo empresario Lindy Goetz) e de que e o orgulhoso pai de uma menina de quatro anos (*crayons*, martelos de plástico, uma cópia em vídeo do desenho animado *Ferngully*, uma foto dele mesmo com Clara no colo).

Enquanto o sol se esconde detras das colinas de Hollywood, deixando a sala numa aconchegante penumbra, Flea conversa com serenidade e candura sobre a carreira do grupo, os primordios dos Peppers e a visão musical que tem hoje.

"Se uma banda se preocupa com a pressão do sucesso, é melhor se dissolver. Quando se começa a pensar no que as outras pessoas vão achar da sua arte, você está perdido"

Flea e a filha Clara

O ano passado talvez tenha sido o mais importante na carreira dos Peppers. Vocês tiveram um enorme sucesso de vendas com *Bloodsugarsexmagik*, foram a atração principal da turnê Lollapalooza. Como você vê esse último ano na carreira da banda?

Não acho que esse ano tenha havido alguma mudança "artística" para a banda. E é nesses termos que eu raciocino: em termos de criatividade, de arte. Eu continuo tendo o mesmo desejo de fazer a mesma coisa: boa musica. Só porque começamos a tocar em lugares maiores e a ganhar um monte de dinheiro...

A única coisa que me assusta é a possibilidade disso tudo afetar nossa música. Por isso vejo com antecipação uma pausa nisso tudo, para que eu possa viver outras coisas e tenha material para compor novas músicas.

Você sente alguma pressão em cima da banda por causa desse sucesso maior?

Se uma banda se preocupa com a pressão do sucesso, é melhor que se dissolva. Quando se começa a pensar no que as outras pessoas vão achar da sua arte, você está perdido. Talvez o próximo disco não seja um sucesso comercial, talvez venda apenas duzentas mil cópias e fim. Mas não é essa nossa preocupação.

A turnê Lollapalooza foi especialmente marcante pelo fato de vocês estarem tocando com um novo guitarrista, Aryk, pela primeira vez?

A saída de John Frusciante foi traumática. Fizemos dois grandes discos juntos (*Mother's Milk* e *Bloodsugarsexmagik*), tínhamos um lance fortíssimo, quase telepático. Eu, como baixista, achava que ele era um guitarrista maravilhoso para se fazer uma *jam*. John era impressionante!

Mas ele estava infeliz de estar sempre em turne... Se você joga num mesmo ônibus quatro pessoas durante um ano inteiro, alguém pode ficar um tanto pirado. Agora estou desenvolvendo um ótimo relacionamento com Aryk. É um cara superlegal, doce.

Você teria ficado com muita raiva da *Rolling Stone* porque John havia sido eliminado da foto de capa que a banda ganhou em junho de 92 (*Frusciante tinha acabado de sair da banda e a direção da revista temia parecer atrasada nos fatos deixando o guitarrista aparecer na foto*). Por quê?

Aquilo foi muito injusto! Não sei o que passou pela cabeça deles quando fizeram aquilo, mas o que nos levou (*à capa da revista*) foi o enorme sucesso de *Bloodsugar-sexmagik* e John teve uma participação enorme nesse disco. Não colocá-lo na foto foi uma injustiça e me magoou. Mas tenho certeza de que John cagou para o lance.

Antes da entrada de John na banda, houve uma formação relâmpago dos Peppers, com Blackbird McKnight (*ex-P-Funk*) na guitarra e D.H. Peligro (*ex-Dead Kennedys*) na bateria. O que aconteceu com essa formação, que nun-

ca chegou a gravar nada?

Que loucura, não (*risos*)? Primeiro era Blackbird com Jack Irons na bateria. Aí Irons pirou e foi embora. Chamamos D.H. para fazer alguns shows e decidimos que a coisa não estava andando bem com Blackbird, por várias razões. Decidimos substituí-lo por John Frusciante. Daí tivemos problemas com D.H., o demitimos e aí entrou Chad Smith

Quando o grupo começou, na época em que você, Anthony, Irons e Hillel Slovak estudavam na Fairfax High School, vocês se chamavam Los Faces, que nem chegava a ser uma banda musical, mas quase um grupo humorístico, não é?

Era mais uma piada, Anthony, Hillel e eu éramos amicíssimos, fazíamos tudo juntos. Costumávamos nos transformar em "vatos" (*o malandro chicano*), falando "ese"o tempo todo e nos denominávamos Los Faces. Era só uma piada que a gente fazia enquanto bebia cerveja. Tínhamos quinze, dezesseis anos

Quanto à banda, propriamente dita, Hillel, eu e Jack Irons e um cara chamado Allen Johannes tínhamos uma banda chamada Anthem que, mais tarde, virou What Is This. Daí entrei para o Fear, onde tive meu aprendizado de punk rock (*risos*).

Nessa época, Anthony, que nunca tinha estado numa banda antes, havia assistido ao primeiro show de rap da vida dele, Grandmaster Flash And The Furious Five. Curtiu tanto que pegou um poema seu, chamado "Out In L.A.", e o transformou num rap.

Então, ele, Hillel e Jack formaram uma banda para tocar abrindo o show de um amigo nosso. Entrei no bolo e juntamos à letra de Anthony um *groove* que eu tinha bolado. Fomos tocar só essa música, "Out In L.A.". Não ensaiamos nem nada, mas fomos para o palco e tocamos. Nos chamávamos Tony Flo And The Miraculously Majestic Masters Of Mayhem. Foi divertido.

Daí começamos a compor mais canções, fazer shows, fomos contratados por uma gravadora...

Você vê muitas diferenças entre aqueles tempos e hoje em dia?

Acho que a situação hoje é verdadeiramente melancólica. Não sei se é porque antigamente eu era mais jovem, mais entusiasmado... Não me considero *blasé*, me acho ainda bastante entusiasmado sobre música. Mas antigamente o punk rock era tão energizante! Saíamos todas as noites para ver as bandas de punk rock, íamos aos lugares de funk, tinham pessoas dançando *pop locking*. Hoje em dia, o melhor da cultura jovem é o hip hop: Public Enemy, Ice Cube, esse tipo de coisa.

Para a garotada, parece que a melhor coisa do mundo são as *raves*. É disso que eles gostam, de música tecno. Para mim, é tão estéril e maçante, que não consigo entender. Sei lá, será que sou um quadrado? Não consigo entender qual é. Mas tem um monte de pessoas que eu respeito que gostam muito desse tipo de coisa...

Por exemplo, outro dia mesmo estava conversando com o cara que era o

Red Hot, versão 93: Flea, Chad Smith, Kiedis e Aryk Marshall

"Não sei como as pessoas conseguem dançar com o som de uma máquina. para mim é tão maçante. O melhor da cultura jovem de hoje é o hip hop. Será que sou um quadrado?"

baterista dos Germs, que era a minha banda favorita de punk rock. Hoje em dia ele curte tecno e era meu ídolo nos tempos de garoto! Aí falei: "Que porra é esse negócio de tecno?". Ele me disse que eu parecia as pessoas que reclamavam de punk rock antigamente! "Isso aí não é música!", era o que diziam. E estão dizendo a mesma coisa das *raves* agora. Rick Rubin me disse a mesma coisa, me chamou de *old fart* (*"peido velho", ultrapassado*).

Não sei como as pessoas conseguem dançar conforme o ritmo de uma máquina! Gosto de música orgânica, humana: Jimi Hendrix, punk rock, jazz, Lee Morgan, Miles Davis, John Coltrane, Charlie Parker.

O show que vocês apresentarão no Brasil será diferente, em alguma coisa, do que foi visto no Lollapalooza?

Para ser honesto, não será drasticamente diferente. Mas estou tão animado com essa viagem! Não tenho muita vontade de excursionar, no momento. Quero compor, criar música, mas tenho certeza de que será lindo. E espero conhecer uma mulher linda por lá. Mal posso esperar. Quem sabe eu consigo uma nova esposa por lá (*risos*). As meninas de L.A. são tão complicadas...

JOSÉ EMILIO RONDEAU

Abaixo, Flea com John Frusciante; acima com Kurt Cobain, do Nirvana

A formação clássica: Anthony Kiedis, Jack Irons, Hillel Slovak e Flea

A VIDA SEXUAL DE UM PEPPER

Em sua edição de agosto de 92, a revista americana *Details* trouxe um texto assinado pelo vocalista Anthony Kiedis, sobre a influência de sua vida sexual na música dos Chili Peppers. Confira esse compacto dos "melhores momentos"

• "Tinha doze anos e estava sob o efeito de um quarto de Quaalude (*um calmante*), me preparando para perder a virgindade para a ruiva de dezoito anos sentada ao meu lado no Rainbow Bar & Grill. Entenda que o meu pai era o *playboy* pivô deste acontecimento: era dele a namorada e a permissão que tinha me dado naquela noite histórica."

• "Ter um pai mulherengo teve vantagens e desvantagens. Eu estava sempre rodeado de gente superextravagante, incluindo uma congregação de ninfetas virginais. O lado não tão positivo foi que o rodízio de mulheres do meu pai me dessensibilizou em relação a querer o amor verdadeiro com uma só parceira."

• "Quando encontrávamos garotas nas primeiras viagens da banda, não tínhamos nenhuma pretensão no estilo 'Você tem que trepar comigo porque sou de uma banda de rock'.
Era mais como 'Eu estou aqui e você também, você me faz sentir bem, eu te faço sentir bem, estamos os dois com tesão, então vamos curtir isso'. A presença absurda de milhões de fãs não tinha nos atacado como um mundo de gaivotas numa migalha de pão. O conhecimento sobre a Aids era quase inexistente e deliciosas atitudes promíscuas prevaleciam."

• Ela estava usando um sutiã com bastante enchimento, era loira, tinha uns olhos azuis delirantes e emanava uma urgência estonteante. Sem mais nem menos, ela perguntou: 'Você prefere as loiras ou as morenas?' Disse 'As ruivas'. O que não a intimidou em nada, ela não perdeu tempo e me descreveu suas fantasias sexuais que me incluíam generosamente. Sua oferta para mostrá-las ao vivo foi delicada, mas respondi com um sorriso e nenhum interesse... Sete anos antes, tal proposta poderia resultar numa combustão física imediata. Mas naquele momento, tive a impressão de que ela me queria só por eu ser um cara famoso. Hoje, este é o broxante número um para mim."

• Acho que sexo sempre foi um tópico natural, essencial e negar sua expressão torna-se um ato auto-repressivo.. Não espere ver os traços sexuais da minha arte sumirem, porque enquanto meu pau estiver duro, a vida que eu levo será assim e a música que toco também."

novo rock

Todo dia surgem novas bandas em várias partes do mundo. Caras novas aparecem com tanta rapidez que fica difícil, quase impossível, acompanhar as constantes renovações da cena rock. Num mercado como o brasileiro, em que as grandes gravadoras raramente se esforçam para manter seus lançamentos atualizados e as independentes não têm representação legal, os fãs ficam sem pai nem mãe. Mas a coisa tende a melhorar: desde que o Nirvana emplacou cinco milhões de cópias de seu *Nevermind*, as gravadoras começaram a prestar mais atenção em bandas emergentes. Nos EUA e na Europa, foi declarada a temporada de caça aos grupos de rock. As multinacionais assinam novas bandas e as chances de bons lançamentos no mercado brasileiro são maiores. Nem todas as bandas listadas aqui são novas. Algumas já têm dez anos de estrada, mas só agora têm a possibilidade de ficar conhecidas no Brasil.Para isso, as gravadoras têm que melhorar a qualidade de seus lançamentos e o público tem que reivindicar bons discos.

pore fogo

O novo rock abre fogo

GALLON DRUNK
OS FAVORITOS DE MORRISSEY

Gostas de um psychobilly? Cramps? Meteors? Guitarras semi-acústicas trovejando riffs cinquentistas com distorções psicodelicas? Então o Gallon Drunk e sua melhor pedida.

A banda foi formada na Inglaterra, em 89, por James Johnston (vocais, guitarras e teclados), Michael Delanian (baixo), Joe Byfield (maracas... isso mesmo, maracas!) e Max Decharme (bateria). Logo lançaram por conta propria o single "Snakepit", enquanto construiam uma fama crescente no *underground* londrino. Em 91, assinaram com o selo Clawfist e gravaram a faixa "Draggin' Along", escolhida como "single da semana" pelo jornal inglês *New Musical Express*.

Os dois singles seguintes, "The Last Gasp" e "Some Fools Mess", chegaram ao topo da parada independente britânica. Em fevereiro de 92, a banda lançou seu primeiro álbum, *You, The Night And The Music*, e abriu uma turnê do Lush. A procura pelos primeiros singles do Gallon Drunk era tão grande que a Clawfist resolveu lançar uma compilação, *Tonute... The Singles Bar*, com os primeiros trabalhos do grupo. Os dois discos saíram nos EUA pela Rykodisc.

A consagração veio no meio de 92, quando Morrissey, depois de ficar "em estado de choque" ao ver um show do Gallon Drunk, convidou os caras para abrirem a turnê mundial do lançamento de seu ultimo disco, *Your Arsenal*.

Não demorou para uma grande gravadora sair a caça da banda. O proximo álbum, programado para o inicio deste ano, vai sair pela Sire, o que significa que tem boas chances de aportar em terras brasileiras.

THERAPY?
REVOLTA NA IRLANDA

Quando se fala em rock irlandes, logo vem a cabeça U2 e Sinead O'Connor Graças aos céus, o Therapy? não tem nada a ver com seus conterrâneos. Faz musica de revoltados para revoltados.

Andy Cairns (vocal e guitarra), Fyfe Ewing (bateria) e Michael McKeegan (baixo) eram garotos que como nos amavam Sham 69 e Husker Du. Montaram a banda em 89, fazendo um som punk. O ponto de interrogação veio por acaso. Andy desenhava a capa do primeiro mini-LP, *Babyteeth* (91), quando notou que o nome Therapy não estava centralizado. Para não precisar desenhar tudo de novo, simplesmente meteu um "?". E assim ficou.

Em 92, lançaram outro mini-LP, *Pleasure Death*. Os dois discos foram compilados pela gravadora Touch & Go em um CD, *Caucasian Psychosis*. A banda criou uma explosiva mistura de thrash, hardcore, tecno e música industrial. No final do ano, o grupo foi contratado pela A&M, a mesma gravadora do Soundgarden e lançou o album *Nurse*. O single "Teethgrinder" chegou entre os quarenta mais da parada britânica.

JESUS LIZARD
DINHEIRO NÃO É TUDO

O vocalista David Yow, o baixista David Sims, o guitarrista Duane Dennison e o baterista Mac McNeilly dizem não largar a independente Touch & Go, de Chicago, por dinheiro nenhum.

Há alguns meses, um caso bizarro aconteceu com os caras: um executivo da poderosa Atlantic ligou para Yow oferecendo uma fortuna por um contrato. Ele achou que era um trote de algum amigo e pediu "um milhão de dolares, numa maleta preta, por um disco". O cara disse que pensaria no assunto e que ligaria depois. Yow até se esqueceu do caso. Dois dias depois, o cara liga: "Olha, já tenho o milhão, mas quero um contrato de três discos". Yow agradeceu... E recusou!

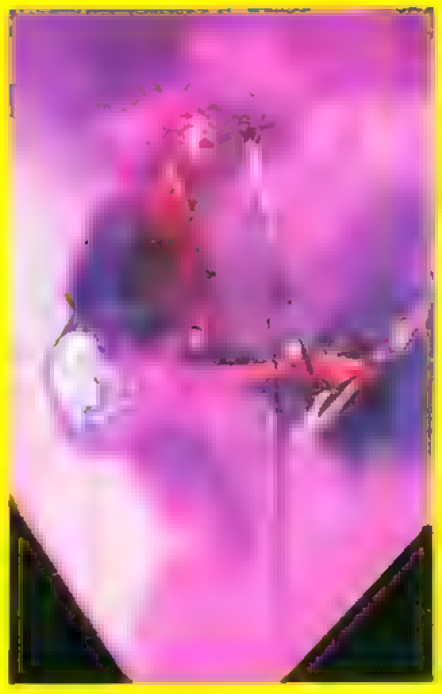
Há três anos, desde que surgiu em Chicago, das cinzas do cultuado Scratch Acid, o Jesus Lizard vem se firmando como um dos nomes mais respeitados do *underground* americano. A banda gravou três álbuns (*Head*, de 90, *Goat*, de 91, e *Liar*, de 92), um EP (*Pure*, em 89) e vários compactos, sendo o último um *split single* com o Nirvana.

Os shows do Jesus Lizard são inacreditáveis. Yow invariavelmente sobe chapado no palco e qualquer coisa é possível. Steve Albini, líder dos extintos Big Black e Rapeman, é fã dos caras. Foi ele que produziu o mais recente álbum da banda, *Liar*. No disco, o excesso de experimentalismo dos trabalhos anteriores foi deixado de lado e o JL direcionou suas energias para um som mais agressivo e direto.

FLAMING LIPS
PESO PSICODÉLICO

São veteranos do *underground* americano, mas só agora, depois de gravarem um álbum pela Warner, é que começam a ficar conhecidos do grande público. O disco do grupo é uma obra-prima e se chama *Hit To Death In The Future Head*.

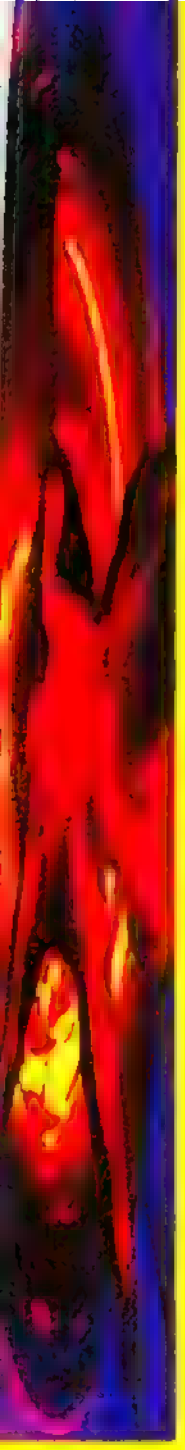
Os Flaming Lips surgiram em Oklahoma, por volta de 84, liderados pelos irmãos Wayne (guitarra) e Mark Coyne (vocal). Depois de um álbum muito elogiado em 85, Mark saiu e Wayne assumiu os vocais e o comando do grupo. Fazem um som pesado, lento e altamente psicodélico e chegam a parecer uma versão "anos 90" de grupos como o Jefferson Airplane, menos hippie e mais barulhenta.



VELOCITY GIRL
SOM POP DA SUB POP

Essa trupe vem da capital dos EUA, Washington D.C.. São quatro caras, Jim Spellman na bateria, Archie Moore e Brian Nelson nas guitarras e Kelly Ryles no baixo, mais a propria "garota velocidade", a vocalista Sarah Shannon. O nome da banda foi tirado de uma música do grupo inglês Primal Scream. As Fender Jaguar e Jazzmaster de Moore e Nelson mandam acordes lotados de microfonias por velhos amplificadores valvulados, sobre uma base acelerada na batida *bubblegum* dos Ramones e o vocal agudo de Sarah.

O VG faz pop, sim, com orgulho. Ouça uma só vez alguma de suas músicas e fica difícil apagar da memória os refrões e os riffs de guitarra. Fundado em 89, o grupo só gravou compactos e participou de coletâneas. Em janeiro, sai o superaguardado primeiro álbum, pela Sub Pop.



O novo rock abre fogo

BEAT HAPPENING

NO OLIMPO INDEPENDENTE

Amigos desde a infância, Calvin Johnson, Heather Lewis e Bret Lunsford formaram o Beat Happening há cerca de dez anos, na cidade de Olympia (no estado de Washington, pertinho de Seattle). Calvin canta e toca guitarra, a menina Heather toca bateria e Bret se vira na outra guitarra. Não notou nada de estranho? E isso mesmo, nada de baixo! Minimalismo é pouco.

Sem nenhuma gravadora por perto, este estranho trio resolveu lançar seus próprios discos. Para isso, Calvin montou a hoje conceituada gravadora K. Lembra a tatuagem no braço de Kurt Cobain, do Nirvana? Pois é, é o logotipo da K. Em 91, a gravadora organizou o festival Underground Pop, em Olympia, reunindo mais de cinquenta bandas, entre elas L7 e Melvins.

A gravadora não só lançou o Beat Happening como também abriu as portas para dezenas de bandas locais, como o Bikini Kill. Hoje, Olympia é considerada uma espécie de capital do rock anticomercial e independente. Nenhuma banda de lá aceita convite de gravadoras multinacionais.

Apesar disso, os discos do Beat Happening são bem distribuídos nos EUA e Europa. Alguns albuns, como o recente *You Turn Me On*, foram lançados em conjunto com a Sub Pop (a famosa gravadora independente de Seattle) e puseram o Beat Happening definitivamente em evidência.

O som é uma incrível e divertida mistura de pop anos 60 com guitarras distorcidas. Calvin canta como se estivesse falando, num tom bem grave. Quem quiser ter uma amostra do som do Beat Happening escreva cinco mil cartas para a MTV e peça o clip de "Hot Chocolate Boy". Depois, não compre o disco se for capaz!

ALICE DONUT

VETERANOS ESQUIZO

Formado em Nova York, em 89, o Alice Donut – Tom Antona no vocal, Sissi Haves no baixo, Michael Jung e Richard Marshall nas guitarras e Stephen Moses na bateria e trombone– faz um "mix" de pos-punk com hardcore, guiado por riffs monstruosos de guitarras psicodélicas, uma seção rítmica pulsante e o vocal gritado de Antona. As letras são geralmente espetaculares, indo de metáforas altamente criativas a visões da mais absoluta esquizofrenia.

O grupo já gravou cinco albuns e um EP pela gravadora independente Alternative Tentacles, de Jello Biafra, ex-Dead Kennedys. O disco mais recente é *The Untidy Suicides Of Your Degenerate Children*, que vem recebendo críticas elogiosas e é presença certa no *Top 10* das radios universitárias americanas.

SKATENIGS

RADICALISMO INDUSTRIAL

Headbangers e *skaters*, atenção! Chegou a mistura de funk metal e thrash que você tanto esperava. Se chama Skatenigs, vem do Texas e acaba de lançar um álbum pela Megaforce, *Stupid People Shouldn't Breed*.

A banda é nova, mas seus membros já trabalharam com gente da pesada. O guitarrista Billy Jackson e o vocalista Phildo excursionaram tocando com o Revolting Cocks e o Ministry. E foi o líder do Ministry, Alain Jourgensen, quem produziu *Stupid People*...

A influência do Ministry e de outras bandas de som industrial, como o Nine Inch Nails, é evidente. Só que os Skatenigs adicionam a essa base superpesada um baixo funky. O disco é cheio de rap e *scratches*, o que aproxima o som do grupo dos fãs de tecno e do hip hop.

Eles já tem um crescente fã-clube no meio-oeste americano e é idolatrado no Texas. No final do ano passado, excursionou abrindo os shows da lendária banda de hardcore californiana Fear. Os Skatenigs são cotados como a próxima banda a estourar no cenário do heavy metal. Olho neles.

ANDRE BARCINSKI

ELES ESTÃO DE VOLTA.

No Brasil

em CD, K7 e LP.

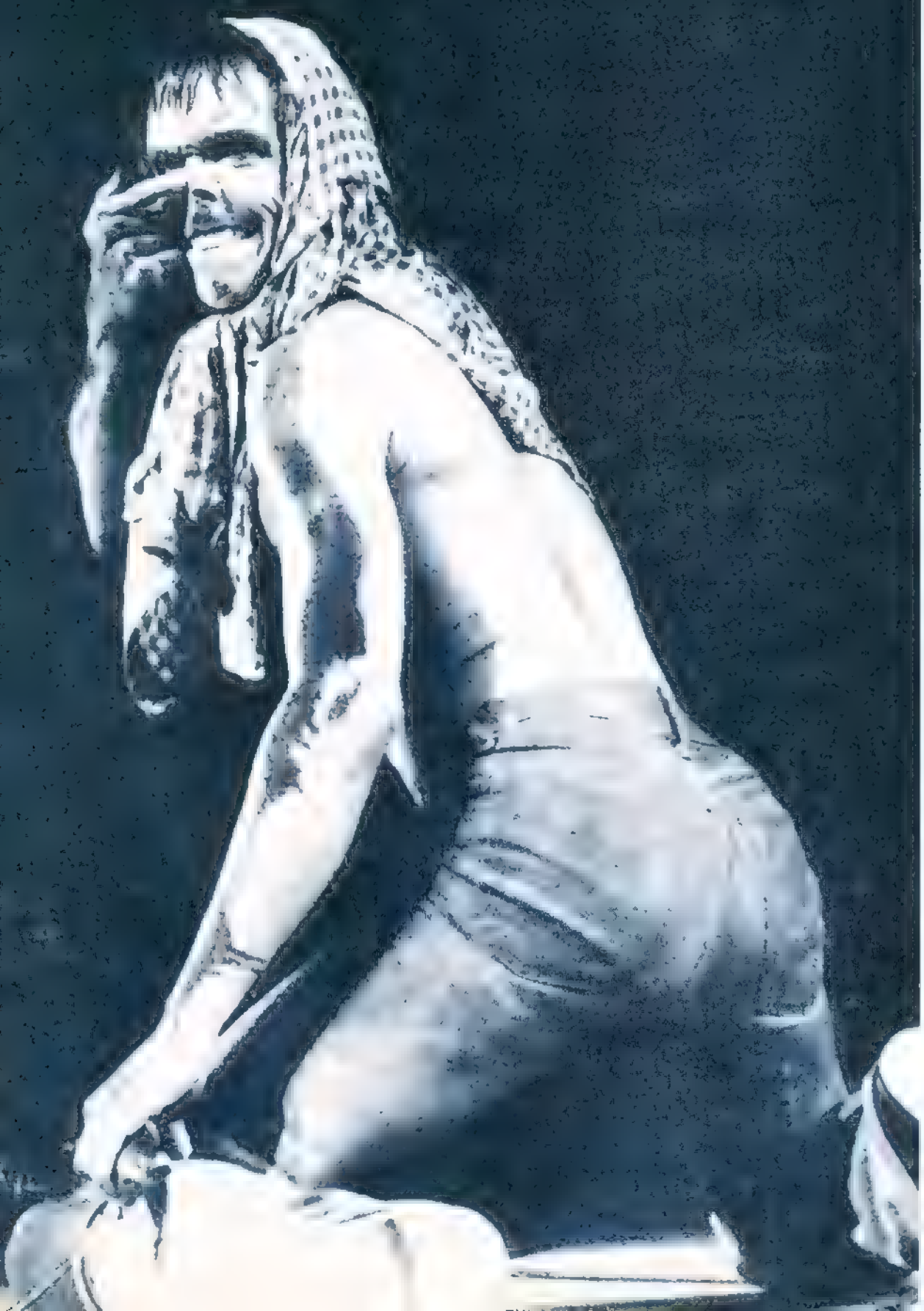
EMI

DESCUBRA NOVOS MUNDOS

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

IGGY POP O MESTRE PUNK



James Osterberg, também conhecido por Iggy Stooge e depois por Iggy Pop, inventou o punk. O rock já tinha sido radical, mas não tanto, até os Stooges. Com os irmãos Ron e Scott Asheton (guitarra e bateria, respectivamente) e com o baixista Dave Alexander, Iggy gravou em 69 um álbum que mudou o conceito de rock pesado. Mesmo com outra formação, os Stooges mantiveram seu poder de fogo até o fim do grupo, em 73.

Até então, nenhuma banda tinha sido tão radical, ninguém tinha levado o rock a um extremo tão minimalista e perigoso. Os lendários shows dos Stooges ficaram marcados como alguns dos momentos mais inspirados da história do rock. Iggy se mexendo pelo palco como um epiléptico, ajoelhado em cima das caixas de som, enquanto Ron Asheton (e depois James Williamson) soltava riffs apavorantes, ora de forma lenta e bluesy, ora em ritmo veloz e punk, antecipando em anos o que deixaria os Ramones famosos em 76.

Mesmo depois do fim dos Stooges, Iggy manteve sua dignidade. Ele bem que poderia, a exemplo de dinossauros como Pete Townshend e Eric Clapton, ficar fazendo shows nostálgicos, fingindo que o tempo não passou. Seria mais fácil e rentável. Mas ele parece não gostar das coisas "fáceis". Prefere continuar experimentando, criando... E surpreendendo. Ouça o álbum Brick My Brick e responda: soa como um disco gravado por alguém que já conta com 25 anos de carreira?

COM A PALAVRA, IGGY

No final de 92, foi realizada em Nova York a convenção do College Music Journal (CMJ), uma publicação destinada a rádios universitárias e gravadoras independentes. Para abrir a convenção, o CMJ convidou uma das figuras mais inovadoras da história da música, Iggy Pop. Durante uma hora, Iggy falou sobre sua carreira. A maioria da platéia nem havia nascido quando ele começou a cantar com os Stooges e certamente ninguém estaria ali, naquele momento, celebrando o rock alternativo e independente, se os Stooges não tivessem expandido os caminhos do radicalismo no rock'n'roll, 25 anos atrás.

O ENCONTRO COM O ROCK

"Quando eu era novo, morava com a minha família num trailer. Eu tinha um rádio e ficava ouvindo todo dia, sofrendo porque as estações só tocavam os hits do Top 40. Realmente não gostava daquilo, não me inspirava. Só me animava quando tocava 'I Wanna Hold Your Hand'. As guitarras e a bateria pareciam reais, sólidas."

"Um dia, indo no ônibus da escola, ouvi no rádio 'Louie, Louie', com os Kingsmen. Fiquei louco. Aquilo era tão desobediente, tão sujo, tão ruim, que eu adorei. Pensei: 'Porra, esses caras devem estar cheios de mulheres, se divertindo para cacete'. Pouco tempo depois, montei minha própria banda."

"Fui me tornando um radical. Sempre que ouvia uma música ruim, tinha vontade de sair e matar todo mundo, do cara que compôs até o idiota que tocava aquela merda no rádio. Ficava espantado, não entendia como alguém podia gostar de música tão ruim. Dava para sentir as vibrações negativas geradas pela manipulação, pela enganação e pela falsidade saindo dos alto-falantes. E tudo que eu queria era música de verdade."

"Durante um tempão, a única música que eu escutava era 'Be My Baby', com as Ronettes (grupo vocal produzido por Phil Spector). Comprei o single e escutava o disco todo dia. Eu tinha uma namorada na época e a gente transava no porão da casa dela ouvindo 'Be My Baby'. A música me deixava tão alucinado que eu broxava assim que terminava. Era horrível, porque a canção só durava dois minutos e meio, aí eu tinha que pedir licença, sair correndo pelado e botar a agulha de novo no disco, para começar de novo."

A FASE BLUES

"Eu estudava na Universidade de Michigan em 65. Na época eu escrevia poesia e tocava bateria nessa banda, The Iguanas. Eu gostava de Bob Dylan, dos Rolling Stones e cheguei até a gravar um compacto. Conheci uma gangue de fãs de blues que me mostrou um disco da Paul Butterfield Blues Band. Fiquei maluco. A música era pesada, mais empolgante do que qualquer coisa que eu já tinha ouvido. Esse disco fez toda aquela 'invasão inglesa' de 64, com os Stones e os Kinks, parecer um bando de babacas bem-comportados. Foi por essa época que eu comecei a ouvir artistas como Howlin' Wolf, John Lee Hooker, Junior Welles, Muddy Waters, Ike & Tina Turner e Bo Didley ."

"No disco da Paul Butterfield Blues Band tocava um baterista chamado Sam Lay, que era muito bom. Ele era negro e tinha um visual legal, passava uma imagem de durão. O cara se tornou um herói para mim. Lembre-se de que na época eu era baterista."

"Larguei a escola e comecei a tocar blues. Não tinha grana, mas tocava em bares em troca de comida. Eu era tão pobre que morava num banheiro desativado, que eu dividia com um amigo. A gente falava para as garotas que na nossa casa havia cinco banheiros e elas achavam que era uma mansão do cacete! As coisas só melhoraram quando eu arrumei um emprego numa loja de discos, o que foi muito importante para mim. Minha função era empilhar as caixas de discos, mas eu ficava me metendo a vendedor e indicava uns discos bem radicais para a garotada que ia comprar na loja."

"Quando fiz dezenove anos, resolvi ir para Chicago conhecer Sam Lay. Ele e a mulher foram muito legais comigo. Me apresentaram aos *bluesmen* da cidade e me levaram a vários clubes. Era esquisito, um garoto branco, de dezenove anos, metido com um monte de negros de 45 anos. Mas eles me tratavam muito bem e me ensinaram muito do que sei sobre música."

COM OS STOOGES

"Um dia eu estava na beira de um rio, conversando com uns amigos, e alguém me passou um cigarro de maconha. Nunca tinha experimentado. Fumei pela primeira vez e fiquei louco. Foi fumando maconha que eu tive a idéia de formar os Stooges. Voltei para Detroit e foi aí que comecei a bolar nossa própria música."

"Nessa época em Detroit tinha o MC5, que era foda. Eram um bando de loucos. Os caras faziam umas orgias inacreditáveis, dezenas de pessoas peladas numa casa. Os bacanais duravam dias e dias. O MC5 tinha um slogan, 'Fucking In The Streets' ('Trepando Nas Ruas'), que eles punham em cartazes para anunciar seus shows. Você pode imaginar, em 67, o que significava um cartaz desses colado num poste?"

"AS EXCURSÕES DOS STOOGES ERAM AS MAIS LOUCAS. DUVIDO QUE QUALQUER OUTRA BANDA NA HISTÓRIA TENHA FEITO TANTA PUTARIA"

"Havia outras bandas boas na cidade. Alice Cooper era de lá. Bob Seger, Suzi Quatro e Ted Nugent também. Foi uma boa época: fazíamos shows juntos, que se tornavam uma bagunça total."

"Foi difícil encontrar o som certo para os Stooges. Eu costumava ir a depósitos de lixo, com os outros caras da banda, procurar peças para construir nossos próprios instrumentos. Ensaiávamos para cacete, fazíamos letras que refletiam tudo o que a gente estava sentindo – toda aquela sensação de desespero, de falta de esperança no futuro. Finalmente, 'descobrimos' nosso som. Não parecia em nada com os hits das paradas, mas a gente gostava e era isso o que mais nos interessava."

"Os primeiros shows dos Stooges eram uma merda. Quer dizer, eram bons para nós, mas uma merda para o público. Tanto que as pessoas jogavam garrafas na gente, nos vaiavam direto. Acho que nós éramos uma banda muito à frente do nosso tempo."

"Aí viemos para Nova York e gravamos nosso primeiro álbum. Encontramos o pessoal da Factory, Andy Warhol, Lou Reed, Nico, John Cale. Essa turma se reunia num pequeno restaurante chamado Max's Kansas City. Eram um bando de alucinados, mas muito inteligentes. Eles me abriram a cabeça. Fiquei alucinado com o Velvet Underground. Como era sombrio!"

SEXO E DROGAS

"As excursões dos Stooges eram as mais loucas. Duvido que qualquer outra banda na história tenha feito tanta putaria na estrada quanto a gente. Nós tomávamos todas e sempre tinha aquele bando de *groupies* esperando no hotel. Eu sempre acordava sem saber onde estava e deitado ao lado de uma mulher que eu nunca tinha visto."

"Eu não tomo mais drogas, mas já usei todas e em grandes quantidades. Hoje não suporto mais. Todo mundo me diz: 'Iggy, sua música era bem melhor quando você tomava drogas'. Eu sei disso, mas o que é que eu deveria fazer? Tenho que me acostumar com isso!"

ANDRÉ BARCINSKI

ÁLBUNS

THE STOOGES

The Stooges (69)

O álbum de estréia dos Stooges mudou o curso do rock. Produzido por John Cale (ex-Velvet Underground), é um monumento de distorção e radicalismo. Músicas de três acordes, riffs que ficaram na história e hinos como "I Wanna Be Your Dog", "1969" e "No Fun".

Funhouse (70)

Outro momento precioso. Aqui as guitarras estão mais psicodélicas que no primeiro álbum. Iggy grita como um ensandecido em faixas como "TV Eye", "Down On The Street" e "L.A. Blues".

IGGY AND THE STOOGES

Raw Power (73)

Uma das mais perversas, sujas e revolucionárias obras já prensadas em vinil. O humor negro das letras de Iggy atinge seu grau máximo de criatividade. Morte, sexo, violência, napalm, guerra, tudo misturado num coquetel demoníaco. Se o fim do mundo tem uma trilha sonora, ela deve ser *Raw Power*.

Metallic K.O. (76)

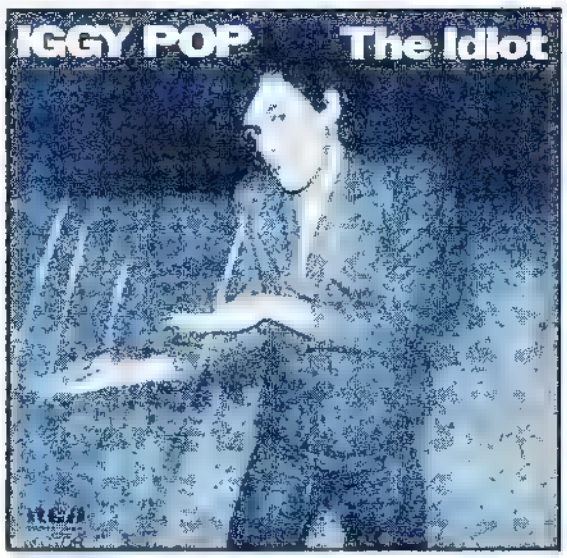
Traz seis registros do concerto final de Iggy com os Stooges, realizado em janeiro de 74, no Michigan Palace, em Detroit. Incluiu uma versão do velho hit dos Kingsmen, "Louie, Louie".

IGGY POP & JAMES WILLIAMSON

Kill City (78)

Gravado em parceria com o guitarrista da segunda formação dos Stooges, Iggy começa a voltar à velha forma: músicas mais curtas e uma pegada mais punk. Altamente recomendável.

IGGY POP



The Idiot (76)

A estréia solo de Iggy foi produzida por David Bowie. Com menos barulho que os Stooges, mas com momentos memoráveis como "Sister Midnight" e a pré-gótica "Funtime" (regravada depois por Peter Murphy), além de "China Girl", que Bowie gravaria em 83.

Lust For Life (77)

Bem mais "para cima" que *The Idiot*, marca a volta do Iguana ao bom e velho rock'n'roll. A influência pop de David Bowie ainda é marcante. As melhores faixas são "Success" e "Turn Blue".

TV Eye Live (78)

Iggy só gravou esse disco ao vivo para cumprir o contrato com a RCA, pois já tinha uma proposta da Arista. No geral, um álbum sem inspiração. A única curiosidade é David Bowie nos teclados.

New Values (79)

Para sua estréia na Arista, Iggy não deixou de chamar James Williamson. O timbre inconfundível de sua guitarra demencial é a marca do disco. Ouça a faixa-título e "I'm Bored" e confira.

Soldier (80)

Sai Williamson e entra um grupo liderado por Glen Matlock (ex-baixista dos Sex Pistols). O disco tenta seguir na linha pesada dos dois trabalhos anteriores, mas não tem a mesma força.

Party (81)

O pior disco que Iggy já gravou na vida. Parece uma imitação de quinta categoria dos Talking Heads. Som pop "cabeça" com pretensões *nonsense*. As letras são constrangedoras – vide "Tomato" e "Rock And Roll Party".

Zombie Birdhouse (82)

A produção do ex-Blondie, Chris Stein, para *Zombie Birdhouse* foi um tiro mal dado. O disco retoma a estética de *Party*. Iggy é cabeçudo, não "cabeção". Coisa muito complicada não bate com o cara. Botar ele para cantar folk ("The Ballad Of Cookie McBride"), só pode ser piada.

Blah-Blah-Blah (86)

Volta da parceria com Bowie. Na guitarra, Steve Jones, ex-Sex Pistols. O disco – bem comercial – foi muito criticado na época. Mas não é ruim: às vezes, o pop funciona, como na cover de "Real Wild Child (The Wild One)", hit do australiano Johnny O'Keefe nos anos 50.

Instinct (88)

Produzido pelo veterano Bill Laswell (*big boss* do selo nova-iorquino Celulloid), é um álbum quase heavy metal. As músicas são todas muito parecidas, mas mesmo assim, vale por duas faixas: "High On You" e "Cold Metal". Foi lançando esse disco que Iggy veio ao Brasil.

Brick By Brick (90)

Uma obra-prima produzida por Don Was. O disco é pesado sem perder a pegada pop. O dueto com Kate Pierson, dos B-52's, em "Candy", é memorável. "Pussy Power" e "Home" são pauladas de primeira linha, dignas de qualquer *mosh*. Nem mesmo Slash consegue atrapalhar esse álbum perfeito. *A.B.*

MEMÓRIAS DA

ANARQUIA

Em sua primeira entrevista conjunta em quinze anos, dois ex-SEX PISTOLS – John Lydon e Paul Cook – fazem um balanço do punk rock, falam dos rumores sobre a volta do grupo e da recém-lançada compilação *Kiss This*, supervisionada por eles

Há uns quinze anos mais ou menos, os cavalheiros sentados do outro lado da mesa, em algum canto do hotel Kensington, em Londres, ajudaram bem ou mal a fazer história. Sendo metade dos Sex Pistols, Johnny Rotten, nascido John Lydon (vocais) e Paul Cook (bateria) encontraram-se no centro, mesmo que involuntariamente, do último grito de guerra do rock'n'roll: foram os músicos principais do glorioso fracasso que a posteridade lembrou como punk.

O rock'n'roll continuou sua marcha, alegre e despreocupado. Mas, agora, com exceção de algumas poucas aberrações que tiram o sono dos pais – Ice T, Sinéad O'Connor, Guns N'Roses –, é um prazer indulgente.

Alguns já tentaram, claro. Mas foram os Sex Pistols que nos legaram, entre outras pérolas, a noção da subversão na música pop, a idéia ilusória de que existem batalhas a serem vencidas no terreno árido dos índices de sucesso. Que o grande público podia ser forçado a escolher melhor.

Esta é a razão que torna a primeira entrevista dos Sex Pistols em quinze anos algo pelo qual vale a pena ficar ouriçado. Foram eles que fizeram a última tempestade no mundo do rock.

"Tenho muito orgulho mesmo." Lydon está novamente interpretando seu tipo preferido para entrevistas, o de caixa-de-surpresas com aquele olhar arregalado, escolhendo os assuntos desordenadamente. "Curti demais o que eu fiz naquela parte da minha vida. Me acalmei e amadureci em relação ao medo do passado. Agora eu o vejo como realmente foi, maravilhoso e brilhante, mexendo com o mundo da música. Mudamos o curso de rios inteiros de pensamento."

Nada disso te envergonha? "Não, por que deveria? 'Silly Thing' me envergonha, mas também nem fui eu que escrevi, não é? Brincadeira, Paul. Não! Não! Tudo continua tão relevante agora quanto naquela época. Dá uma olhada na letra de 'Anarchy In The U.K.', é mais relevante agora do que na época. 'Pretty Vacant' acho que descreve boa parte da moçada de hoje..."

É difícil não gostar muito de Lydon, quando ele o encara com aqueles olhos azuis intensos que não piscam. "Vejo tudo isto como uma retribuição. Porque, fora dos Sex Pistols, nos transformamos todos em porcaria. E todos esses livros, contrabandos, filmes e documentários sobre nós, nenhum deles se preocupou em tratar aquilo como de fato ocorreu. Quando a Virgin resolveu reeditar tudo, topei no ato. Decidi fazer direitinho. E, como título, acho *Kiss This* demais."

Safra 76: Matlock, Rotten, Cook e Jones

"'Anarchy In The U.K.', é mais relevante agora do que na época. 'Pretty Vacant' descreve boa parte da moçada de hoje..." (Lydon)

Você consegue lembrar de algum momento especial que os fez perceber que faziam parte de algo maior do que uma banda de rock?

Lydon faz uma pausa e Cook vê sua chance e investe: "Quando as pessoas começaram a querer nos proibir, acho que percebemos que de alguma forma estávamos acertando."

Lydon encontra o fio da meada: "Foi tudo muito esquisito e aconteceu sob muita, muita pressão. Nós desistíamos toda noite nos ensaios. Nós não tínhamos noção de como éramos bons. Que pena."

Era mais excitante assim, ou dava mais medo?

"Dava muito medo", John responde sem hesitar. "Nenhum de nós podia andar pelas ruas e não tínhamos dinheiro para ficar andando de táxi. Então, tomávamos metrô, ônibus e era uma batalha constante. Alguém sempre queria meter a mão na tua cara."

"Especialmente", lembra Paul, com um leve sorriso, "depois daquela história do Bill Grundy."

John me aponta uma cicatriz no punho. "Fui estraçalhado uma noite por um grupo que dizia 'Amamos a nossa Rainha'. Está vendo aqui? Comprometeu dois tendões. Nunca mais vou poder tocar guitarra, cara, ha, ha, ha."

Os Pistols lutaram, lutaram muito, até conquistaram território. Mas, embora a fumaça já tenha se dissipado há tempos, a mística continua.

Você fez o maior auê sobre *Sid And Nancy* na nossa última conversa. "Fiz."

Mas agora, não.

"Não. Acompanhei a onda. O filme não causou o estrago que eu achei que fosse capaz. Foi um filme muito maldoso. Eu, o Steve e Paul fomos mal-interpretados. Malcolm McLaren também. O filme reduziu trabalhos importantes à trivialidade. Tirou o valor das canções, do que significaram para as pessoas."

Eles concordam plenamente, entretanto, com a performance que Gary Oldman fez do ídolo Vicious, condenado a ser idiota. Eles a consideram "superboa, assustadoramente boa."

"E..." Lydon dá uma risadinha, "a menina que fez o papel de Nancy foi arrepiante, terrivelmente real. Mas a verdadeira era mais terrível. O pior ser humano que eu encontrei em toda a

minha vida. Tão autodestrutiva, rancorosa, vingativa, ressentida, infantil, amarga, hmmm..."

"Só estou pensando em algo para adicionar", Paul ri.

"Tudo o que ela queria", declara Lydon, resumindo, "era se matar e levar com ela o máximo de pessoas possível. Daí toda aquela babaquice sobre heroísmo."

O que vocês acham do aliciador *England's Dreaming*, de John Savage?

"Um não-livro, não faz sentido."

Mais um para a linha de fogo: *Lipstick Traces*, de Greil Marcus.

"Ah, isso foi um absurdo, sinto muito. Foi como o *Ulysses* de James Joyce, esse blablablá sobre nada específico. Esse livro foi aquele que disse que Michael Jackson era um oportunista! E que eu fazia parte de um movimento secreto, como os maçons, ha-ha-ha..."

John vai lançar o seu próprio livro no início do ano que vem. A banda, que no momento se entende razoavelmente bem, aparentemente —também trabalha com Julien Temple num filme definitivo sobre o agito todo, baseado num arranjo cronológico dos dados arquivados. (Lydon está determinado a não aceitar "nenhum falatório, obrigado").

Lydon: "Trabalhamos quinze anos com essas informações. Fomos uma banda muito ativa, muito entrosada. Com a exceção de Sid, é claro."

Você às vezes pensa o que ele diria de tudo isso?

"Não faz diferença. Ele nunca contribuiu com músicas, gravando, ou qualquer coisa. Sid foi criado por Malcolm McLaren, depois que nós acontecemos."

"Ele foi trazido para a banda porq...", diz Paul continuando a história.

"Nós não podíamos trabalhar com Glen Matlock", diz Lydon fingindo sussurrar dramaticamente.

"Porque", Paul continua sem perder o pique, "Sid era perfeito naquele momento. Estava super a fim de aprender a tocar baixo e estar na banda. Mas tudo isso lhe subiu à cabeça e ele ficou babaca".

Vocês se lembram dele basicamente com carinho? Você, John, já andou malhando ele bastante.

"É claro", diz John indignado. "Ele era meu amigo. Mas se apaixonou por toda aquela ideologia de Lou Reed sobre Nova York, sabe... todo mundo usando drogas e jaquetas de couro e ficando na rua até tarde. Ele acreditou..."

Incomoda o fato dele ter sido elevado à categoria de ícone deste século?

"É fácil quando alguém está morto, é fácil manipular as imagens, o enfoque."

"Eu sei", Paul diz. "É algo do tipo 'Velho Sid, foi até o fim, este foi um Sex Pistol verdadeiro'. Mas ele está morto."

"E qualquer um que compartilha desta filosofia deveria acompanhá-lo", John enfatiza. "Quanto menos indivíduos agindo assim nós tivermos no nosso planeta, melhor."

Sid: "Um Sex Pistol verdadeiro?"

"Quando as pessoas começaram a querer nos proibir, acho que percebemos que de alguma forma estávamos acertando" (Cook)

O que nos deixa na mesma, eu suponho. Você vê algum apelo na idéia de tocar juntos novamente?

"Porque, quanto você tem?"

Comportem-se!

"Olha, sem brincadeira", diz Paul. "Todos esses rumores e ninguém nunca veio até nós oferecer nada do tipo, 'Olha, eis a grana, vocês vão fazer?' Nunca!"

Vocês têm um valor decidido?

John: "Não."

Paul: "Sim."

"Está legal", John rosna. "Um milhão limpo. Cada. Mas corremos um risco muito sério, de acharem que nós somos profundamente cínicos e só fazemos coisas por dinheiro. Eu não seguro essa. E qualquer conversa aqui, teria que passar pelo dinheiro. Eu não vou discutir isso. Não é da sua conta. Não seria simplesmente por isso porque eu não fiz nada só por dinheiro em toda a minha vida. Já tentei ser o homem de negócios corrupto e não deu certo, sou um zero à esquerda nisso."

Então o que vocês acham, leitores, isso foi um sim, ou um não? Suponho que é aqui onde nós entramos.

Vocês se lembram da última apresentação que deram juntos?

John toma um gole da sua cerveja e dá de ombros: "Bem, você já se sentiu enganado? Foi o que aconteceu. Eu só vocalizei o que todo mundo estava sentindo. O único que não se sentia assim era o Sid, porque só ficava fora do ar".

E quando tudo acabou, alívio?

"Não, para mim, não. Uma tristeza terrível, terrível... e muita confusão. Isso me tomou por um ano. Não conseguia... absorver, não conseguia entender porque coisas que não deveriam acontecer, aconteciam. Mas o tempo... cura."

Murmuro uma coisa superficial qualquer, dizendo que não, o que é trágico para qualquer um com algum senso de justiça estética, se apagar o epitáfio e a ética punk, o credo "anyone-can-do-it" (de que "todo mundo pode tocar").

"Infelizmente", John responde, "nós não expandimos essa questão, que qualquer um consegue fazer isso, quando se faz alguma espécie de esforço."

"E", Paul acrescenta, "quando se tem um pouco de talento."

Kiss This é um bom memorial, um pedaço de fúria cega visionária, que apresenta dois ou três dos melhores singles já feitos, um pedaço razoável de besteira desnecessária e uma excitação louca de desafeto. Lydon e Cook mantêm – corretamente e erroneamente, na minha opinião – que não houve nada parecido desde então. E ficam satisfeitos com a esperança – que será frustrada, na minha opinião – que este jeito de ser e esta questão, podem inspirar gerações futuras. *ANDREW MUELLER*

29 DISPAROS DAS PISTOLAS SEXUAIS

• A loja de Malcolm McLaren, onde a banda foi formada, existia desde 71 com o nome de Let It Rock, depois mudando para Too Fast To Live, Too Young Too Die e, finalmente, para Sex.

• Lá se reuniam os colegas Steve Jones (guitarra) e Paul Cook (bateria), que chamaram um amigo, Wally Nightingale, para formar uma banda.

• Em 74, o grupo chamava-se The Swankers e tocava covers dos anos 60 e os primeiros trabalhos próprios.

• Em meados de 75, Malcolm McLaren voltou de uma temporada de seis meses pelos EUA, onde trabalhou com os New York Dolls e conviveu com a emergente cena musical nova-iorquina.

• Glen Matlock, que trabalhava na loja de McLaren, começou a tocar baixo com Jones e Cook. O passo seguinte foi pôr alguém adequado para cantar.

• A primeira sugestão de McLaren para vocalista da banda, já rebatizada como Sex Pistols, foi Richard Hell (considerado o inventor do visual punk e que havia acabado de deixar o Television).

• O teste, para John Lydon virar Johnny Rotten nos Sex Pistols, foi feito com ele cantando "School's Out", junto com a gravação original de Alice Cooper, tocada na *jukebox* da loja de McLaren.

• Em outubro de 76, assinaram um contrato de quarenta mil libras esterlinas (cerca de oitenta mil dólares) com a EMI, após serem sondados pela Polydor, pela Chrysalis e por outras gravadoras.

• O single "Anarchy In The U.K." foi lançado em 26/11/76.

• Depois de terem usado a palavra "fuck" em entrevista ao apresentador Bill Grundy, na TV inglesa, tiveram o contrato rescindido pela EMI e a maioria de suas apresentações canceladas (inclusive algumas da *Anarchy In The U.K. Tour*, que faziam com The Clash, The Damned e The Heartbreakers).

• O baixista Glen Matlock (o único com alguma formação musical), foi convidado a se retirar da banda por "gostar dos Beatles". Sid Vicious (que mal sabia empunhar o baixo) o substituiu.

• O nome verdadeiro de Sid Vicious era John Simon Ritchie (algumas fontes o citam como John Beverly).

• Em maio de 77, o grupo assinou com a gravadora Virgin.

• Durante o mês de setembro, em questão de dois dias, Steve Jones (junto com o produtor Chris Thomas e o engenheiro de som Bill Price) e Paul Cook foram atacados com navalhas e facas por gangues nas ruas de Londres.

• Devido ao boicote promovido aos shows dos Sex Pistols, o grupo começou a tocar sob pseudônimos como SPOTS (Sex Pistols On Tour Secretly), The Tax Exiles, Special Guest e Acne Rabble.

• No começo de novembro, o álbum *Never Mind The Bollocks...Here's The Sex Pistols* entrou em primeiro lugar na parada britânica, apesar de ter suas músicas banidas das rádios e TVs.

Férias sob o sol: Biggs, Cook e Jones no Rio

• Ao ser lançado *Never Mind The Bollocks...*, "Anarchy In The U.K." e mais três faixas já circulavam como singles e outras em coletâneas piratas.

• A edição americana do álbum trazia as músicas em outra seqüência, uma faixa a mais e a capa em cor diferente.

• Sua primeira turnê pelos EUA durou exatos nove dias (de 5/1 a 14/1/78), terminando com o último show dado pelos Sex Pistols, no Winterland , de San Francisco. Em seguida, a gravadora anunciou o "fim oficial do grupo".

• A banda durou catorze meses (de novembro de 76 a janeiro de 78).

• Em fevereiro de 78, Jones e Cook vieram ao Brasil, sendo hospedados pelo notório "ladrão do trem pagador" Ronald Biggs. Gravaram com ele a canção "No One Is Innocent".

• Sid Vicious foi preso em Nova York em 11/11/78, acusado de ter matado sua namorada , Nancy Spungen, a facadas.

• Sid morreria por overdose de heroína, também em Nova York, em 2/2/79.

• Começaria então a batalha judicial entre o grupo, McLaren e a Virgin, pelo espólio dos Sex Pistols. A disputa terminaria em 86, com Lydon, Jones, Cook e a família de Sid Vicious ganhando os direitos sobre os trabalhos da banda.

• John Lydon encabeçaria o Public Image Ltd. (que havia formado em 78). O grupo, no início, parecia ser um passo adiante na iconoclastia pregada pelos Sex Pistols (com novas possibilidades musicais), mas foi se esvaziando aos poucos e se perdeu na repetição das fórmulas que criou.

• Steve Jones formou o efêmero The Professionals (com Paul Cook), tocou com o Chequered Past, gravou um par de álbuns solo no fim dos anos 80 e colaborou em discos de Andy Taylor (Duran Duran) e Iggy Pop. Atualmente, vive em Los Angeles, onde pratica futebol, produz eventualmente algumas bandas de metal e participa de reuniões para recuperação de ex-drogados.

• Paul Cook, após a banda com Jones, formou os Chiefs Of Relief (com o guitarrista Matthew Ashman, ex-Bow Wow Wow). Hoje em dia é o mais preocupado com os produtos ligados aos Sex Pistols, à frente da companhia Glitterbest, que fundou com Lydon e Jones.

• Glen Matlock saiu do grupo para montar os Rich Kids, de curta duração. Passou por várias bandas menores. Em 90, lançou sua autobiografia: *I Was A Teenage Sex Pistol*. Atualmente, toca com um grupo chamado The Mavericks.

• Malcolm McLaren continuou sua carreira de agitador musical, produzindo o Bow Wow Wow e fazendo discos solo (onde funcionava mais como agregador de tendências do que como participante). Se aventurou pela *world music* (*Duck Rock*) e em bizarras misturas de hip hop/ópera (*Fans*) ou funk/música clássica (*Waltz Darling*).

CELSO PUCCI

OLHA SÓ A COR DESSE HOLLYWOOD ROCK.

RED

RED HOT CHILI PEPPERS
Blood sugar sex magik

SIMPLY **RED** - *Stars*

As bandas que vão arrebentar nesse Festival já estão dando o maior show nas lojas. Passe numa e compre logo estes sucessos. Você aproveita e já vai pegando uma corzinha para o Hollywood Rock.

WARNER MUSIC
EM CD, LP, K7 E
HOME VIDEO.

Vem aí DR. SIN

VOANDO ALTO

O guitarrista do Alice In Chains Jerry Cantrell explica Seattle, defende a ousadia de seu novo álbum e confessa ser fã dos dinossauros contemporâneos Heart e Queensrÿche

Alice In Chains

Ele fala rápido e com determinação. Tem o entusiasmo de um adolescente e a firmeza de um executivo de empresa enquanto toca para seu visitante a única cópia disponível de um cassete com a íntegra de *Dirt*, o segundo álbum do Alice In Chains e um disco bem mais rico e pop que seu predecessor – *Sap* (um EP acústico) – e que *Facelift*, o álbum que pôs a banda no mapa. Faltam dois meses para o lançamento do disco nos EUA e para a chegada às telas de *Singles*, o filme do diretor Cameron Crowe passado em Seattle – de cuja trilha participam, além do AIC, Pearl Jam, Jimi Hendrix e a fina flor musical daquela cidade. Jerry está numa sala de reuniões da Sony, em Los Angeles, repartindo lembranças e cerveja com a imprensa.

A inclusão da banda na trilha sonora de *Singles* abrirá as portas para um público maior?

Talvez nos apresente à platéia que vai ao cinema. Nossa base de fãs consiste na garotada *hardcore* que vai a clubes, que se liga nas novidades musicais que estão saindo. Mas, mesmo sem esse novo contigente, estamos indo muito bem. Vendemos setecentas mil cópias nos EUA de nosso primeiro álbum — estamos chegando pertinho do disco de platina. Mas tem muita gente achando que esse filme é sobre a "cena de rock de Seattle", quando não é! Trata-se de um filme que mostra o que é ser um jovem em busca de alguém no mundo de hoje, um mundo com Aids, guerra e tudo mais. Seattle é o pano de fundo, e como o "ser jovem" incorpora atividades como ir a clubes, ouvir música, e como Seattle abriga toneladas de grandes bandas, como Pearl Jam, Soundgarden, Alice In Chains, Mudhoney...

Você se incomoda com a menção constante a uma tal "cena de Seattle", ou "cena *grunge*", quando provavelmente a cena musical da cidade, de tão rica e complexa que é, mereceria uma diferenciação entre as bandas?

Acho até que (*"a cena de Seattle"*) é mais simples do que as pessoas acham. Não tem como evitar a badalação depois que um certo número de bandas vindas de um mesmo lugar atingem tamanho grau de sucesso. Isso acontece, é uma coisa natural e você tem que se acostumar com isso.

Tem vez que (*para nós*) é irritante ouvir (*esse tipo de comentário*) o tempo todo. "Que se foda a badalação! Você gosta ou não de nossos discos e shows?", entendeu? Cinco anos atrás *(nossa origem)* não teria feito a menor diferença, certo? Agora, de repente você é o máximo só porque vem de Seattle.

Por outro lado, não haveria badalação se não existissem bandas ótimas partindo de Seattle.

Alguns em Seattle afirmam que o melhor da cena musical de lá já teria passado há muito tempo, e que tudo teria terminado, na verdade, entre 86 e 87. Você concorda? Seria tudo isso, agora, apenas uma reverberação do passado?

Aquela época viu o nascimento de um grande movimento. O que temos agora é a transição que as bandas independentes daquela fase estão fazendo, se mudando para os grandes selos e passando a ter projeção maciça no planeta inteiro. O que só aconteceu porque essas bandas todas estão fazendo ótima música. Essa transição é inevitável, acaba acontecendo. Talvez (*"a cena de Seattle"*) tenha sido mais empolgante (*naquele período*), porque era mais intensa, mais punk. Agora que as bandas (*de lá*) são bem-sucedidas, quase nunca estão lá, porque excursionam sem parar (*risos*). Quanto ao termo *grunge rock*, acho que ele se originou por causa do som de discos antigos do Soundgarden, do Mudhoney e do Green River. E o que vem a ser o som *grunge* não passa de má produção, guitarras mixurucas... o que é um barato, não há nada de errado com soar bruto e cru. Em termos técnicos pode ser uma porcaria, mas em termos de sentimento, é um puta barato! E tem mais: todo mundo em Seattle foi influenciado pelo Soundgarden — a *great fucking band*. Eles estão juntos desde 84 e o Alice In Chains somente desde 87/88.

É difícil a transição de banda independente para contratada de um grande selo?

É dura! Mas demos sorte porque tivemos uma excelente advogada, Michelle Anthony, que nos foi recomendada pelo Soundgarden, para quem também trabalhou. Hoje ela é vice-presidente senior da Sony.

Enfim, ela nos deu a força necessária para nos impormos. Já que nosso primeiro álbum deu tão certo, as coisas ficam até mais fáceis para nós (*na gravadora*). Mas não é sempre assim que as coisas acontecem nas grandes companhias — nós somos a exceção da regra.

> "O som *grunge* não passa de má produção, guitarras mixurucas... o que é um barato, não há nada de errado em soar bruto e cru"

O sucesso do Nirvana é algo que me anima, porque eu também faço parte (*desse sucesso*). Não estou querendo diminuir o Nirvana. Eles se deram tão bem porque: 1) compõem canções incríveis e 2) são uma banda incrível! Mas, por outro lado, nós (*do Alice In Chains*) fomos os primeiros a sair de Seattle e ter grande sucesso; de todas as outras bandas, fomos os primeiros a ter um disco de ouro. Com nosso primeiro álbum! E éramos a mais jovem de todas, não tínhamos tanta história quanto as outras. Nós pusemos o pé na porta e o Nirvana a escancarou!

Normalmente, as gerações mais jovens renegam as anteriores, querem destruí-las. Mas isso não é exatamente o que se dá em Seattle. Vocês convivem bem com veteranos como Heart e Queensrÿche. Por que não há em Seattle uma animosidade em relação aos veteranos parecida

"Fomos os primeiros a sair de Seattle e ter grande sucesso. Nós pusemos o pé na porta e o Nirvana a escancarou"

com a que havia entre o punk e as bandas de rock que reinavam naquele tempo?

Tudo bem, é natural varrer o passado para debaixo do tapete. Mas, ao mesmo tempo, quando eu era garoto, me esbaldava com discos de Heart e do Queensrÿche! Tenho que admitir que o meu tipo favorito de música está representado nos primeiros oito anos do Heart. Depois me tornei amigo de Nancy, começamos a tocar juntos, e retornei a tudo aquilo que eu já conhecia. Foi como um sonho para mim: quando garoto, eu era capaz de dar um dedo ou o testículo esquerdo (*risos*) para conhecer o Heart. Com o Queensrÿche foi diferente: no início, adorei, depois detestei, mas recentemente voltei a adorar, os discos novos deles são fantásticos.

Esse novo álbum, *Dirt*, teria mais paralelos com o primeiro álbum do Alice In Chains, *Facelift*, ou estaria mais próximo do EP *Sap*, que era todo acústico?

O EP era mais ou menos a compilação de demos, que gravamos na estrada, com novas canções que compusemos durante a turnê de *Facelift*. Nos interessamos, individualmente, por um monte de estilos musicais diferentes. Agora, o que fazemos como uma banda, o que o Alice In Chains faz é definitivamente um tipo de música bem mais agressivo e deformado (*risos*). O novo álbum, *Dirt* é mais pesado que *Facelift*, que por sua vez já era impressionante.

Sap foi uma coisa que lançamos só de farra, para ver se alguém se interessava, mas também incluímos ali músicas que provavelmente não poríamos em nossos álbuns. Acabou vendendo bem, e as pessoas curtiram. Esse novo álbum já é outro papo, vai bem mais além.

Todo o material de *Dirt* é novinho em folha?

Todas as canções foram escritas depois de *Facelift*, exceto "Rooster", que eu compus a respeito de meu pai. São coisas novíssimas que nunca tocamos ao vivo.

Algum convidado especial?

Tom Araya, do Slayer, participa de uma seqüência entre uma faixa e outra, uma espécie de gozação com "Iron Man" (*do Black Sabbath*). Mas o resto somos nós.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

Ao vivo

MUDHONEY
Roseland, Nova York (EUA)

O cara que programou esse show estava num dia inspiradíssimo. Virgem Santíssima, que noite! Rock'n'roll para levantar o ânimo de qualquer fã de Bergman. Mudhoney, Flaming Lips, Eugenius e Celibate Rifles juntos? Sai de baixo!

Quando os australianos do Celibate Rifles entraram, o Roseland já estava bem cheio, coisa rara em shows de abertura. A banda tomou conta do palco com a experiência de quem já tem dez anos de estrada. Durante meia hora, detonaram um som de garagem de primeira, com a velocidade de um Ramones e guitarradas lembrando MC5

Depois vieram os escoceses do Eugenius (ex-Captain America), a banda preferida de Kurt Cobain, do Nirvana, que faz um pop pesado, parecido com Teenage Fanclub. Músicas curtas e simples, com poucos solos e aquele vocal entediado

Chega a vez dos reis da microfonia, os mestres do esporro psicodélico, Flaming Lips. Desde que surgiram em Oklahoma, nos EUA, por volta de 84, o grupo vem disputando com os Laughing Hyenas, de Michigan, o primeiro lugar no pódio de "show mais barulhento do planeta".

Suas músicas são lentas, mas não arrastadas e monótonas como o Soundgarden. Dezenas de efeitos (*wah wah*, *flangers* e *delays* esquisitos) sao usados para tornar ainda mais espessa a muralha de distorção

Mas isso foi só o aperitivo. Quando o Mudhoney subiu ao palco, começou o pandemônio. Aos primeiros acordes de "You Got It (Keep Ip Outta My Face)", a galera atacou numa blitz matadora de *stage dives*

A banda emendou "Into The Drink" e "Let It Slide", do excelente disco *Every Good Boy Deserves Fudge* e algumas faixas do recem-lançado álbum, *Piece Of Cake*

Na platéia, Iggy Pop balançava a cabeça no ritmo do *grunge*. Foi curioso ver a reação de um dos maiores inspiradores do chamado "som de Seattle".

Com um sorriso no rosto, o criador viu seus pupilos detonarem pérolas punk-pop como "Touch Me I'm Sick" e "Here Comes Sickness" e, pelo visto, aprovou os meninos com louvor.

Sem vocação nenhuma para o rock estilo arena, o Mudhoney pouco fala com a platéia e não faz nada em cima do palco que não seja totalmente espontâneo

Na melhor tradição das bandas de garagem, é uma paulada atrás da outra, muita microfonia e salve-se quem puder. Rock'n'roll é isso, não é?

ANDRE BARCINSKI

BRUCE SPRINGSTEEN
LA Sports Arena, Los Angeles (EUA)

Em 88, quando tocou em Los Angeles pela ultima vez, Bruce Springsteen havia acabado de entrar no sombrio e doido *Tunnel Of Love*, mesmo assim um *best seller* instantâneo. Na entrada do show, os cambistas pediam um mínimo de 350 dólares por um ingresso que não havia custado mais que 25 na bilheteria.

Quatro anos mais tarde, Bruce retornou à mesma Sports Arena, no bojo da promoção dos simultâneos, *Lucky Town* e *Human Touch*, desapontamento de vendas e objeto de argumentos divididos entre críticos e observadores da indústria.

Dessa vez os cambistas pagaram 35 dólares na bilheteria por um ingresso que estavam vendendo, com dificuldade, por nove. Mudaram os tempos, o público ou Bruce?

O público pode não ter gozado de prazer com o "novo" Bruce em disco, mas quem não não se mandou para os shows perdeu uma das mais corajosas demonstrações de integridade artística e teimosia criativa que se tem registro na história do rock.

Ao incluir nada menos que dezessete novas músicas no show de três horas, contrapondo-as e relacionando-as com seu repertório antigo, Bruce acabou de demolir a idolatria gerada nos últimos anos e deixou bem clara para o público a jornada do jovem romântico em direção e a eventual maturidade e recomposição de forças. Ele disse não à nostalgia.

O show começou com a nova e esperançosa "Better Days". Dos discos antigos, o único comparecimento acontece quarenta minutos mais tarde, da forma mais sóbria possível: uma versão de "Atlantic City", flagra da crise econômica e moral pinçada do severo álbum *Nebraska*, de 82. "Dez anos se passaram desde que compus essa canção", disse Bruce à platéia, "e os tempos ainda são difíceis". O que aconteceu nesse meio tempo? Republicanos. Duas canções novas a mais e, depois delas, "Badlands", de 79, uma promessa de resistência. "Born In The USA" – numa versão raivosa que não deixa o menor espaço para as (errôneas) interpretações patriotescas d'antanho — só apareceu lá pelo começo da segunda metade do show, em contraponto com a simples e humanística "Real World".

O público comportou-se respeitosamente, de pé quase o tempo todo, mas dançando exclusivamente na hora dos cavalos de batalha — "Glory Days", "Light Of Day", "Darlington Country" e "Born To Run". Como num show qualquer.

Provavelmente não percebia que diante dele, um homem de 43 anos de idade reafirmava sua profissão de fé num gênero musical que, apesar dos pesares, ainda é capaz de se renovar e de se manter relativamente íntegro e vital, Bruce deu seu *leap of faith*. Melhor para todos nós.

JOSE EMILIO RONDEAU

II FEST'IN BAHIA

Concha Acústica Do TCA/Teatro ACBEU, Salvador (BA)

Salif Keita à parte, já que ninguém herda a tradição *griot* (antigos cantores do império de Mali, África) por acaso, a melhor voz do Fest'In Bahia veio da Filadélfia. A cantora Barbara Walker, ex-acompanhante de Ornette Coleman e Joe Williams, conseguiu empolgar no blues e no soul, ajudada pela escolha de algumas canções famosas — tipo "Summertime" e "You Are The Sunshine Of My Life". Quem não ajudou muito foram os seus companheiros da Philadelphia All Star Blues Band. Competentes, mas triviais.

Tonho Matéria e Carlinhos Brown esboçaram suas carreiras solos. Ao primeiro, autor de vários hits do Olodum, faltou muito para convencer. Mais talentoso, Brown perseguiu o pop obsessivamente, como o embalo ideal para sua afro-brasilidade.

Ara Ketu (vindo de sua primeira turnê européia, incluindo o lançamento de um CD pelo selo inglês Seven Gates), Olodum e Margareth Menezes confirmaram a expectativa. O Olodum manteve sua hipnótica e polirrítmica batida samba reggae, embora as apresentações do grupo venham se tornando gradativamente repetitivas. Correm o risco de virarem o Leandro & Leonardo do samba-reggae. Já Margareth Menezes deitou e rolou, navegando do ijexá ao funk e ao rock.

O Moleque De Rua demorou para ensandecer a Concha Acústica, já que não chegou a tocar nas rádios de Salvador e trouxe um trabalho de células rítmicas um pouco diferentes para os padrões baianos. Mas tudo foi questão de tempo: na releitura brilhante de "Zumbi", não havia esqueleto parado. O show deles acabou sendo o melhor do festival.

O pior foi o grupo inglês de rap Brothers Like Outlaw que, apesar de ser colega de selo do ótimo P.M. Dawn, não tem a metade da competência deles.

Salif Keita e a banda antilhana The Burning Flames eram as maiores estrelas de fora. O albino malinês não repetiu a performance do ano anterior, conseqüência da mudança de seu grupo, deixando a base percussiva de suas raízes para se aproximar em demasia de um pop jazz enfadonho.

Já os Burning Flames se dariam melhor numa danceteria do que neste festival. Como a soca é irmã gêmea da lambada, a banda não teve dificuldades em conquistar a platéia investindo no gênero, extrapolando numa versão reggae de "Knockin'On Heaven's Door" e um *medley* rockabilly de "Jailhouse Rock" e "Blues Suede Shoes". Um show eficiente, mas só isso. *HAGAMENON BRITO*

THE WAILERS
Circo Voador (RJ)

Como é que se pode vender seis mil ingressos para um lugar em que não cabem quatro mil pessoas? Por que realizar em um só dia um show com bilheteria garantida como esse? O resultado não poderia ser outro. Uma multidão enfurecida do lado de fora brandindo seus ingressos, com tumultos aqui e ali e gente pulando as cercas para entrar. Para quem já estava dentro, o panorama não era muito melhor. A concentração demográfica no Circo Voador beirava o absurdo.

E quando os Wailers adentraram o palco a situação fugiu totalmente de controle. A massa aglutinada na platéia movia-se uniformemente de um lado para outro. Em músicas um pouco mais aceleradas, como "Could You Be Loved", a coisa adquiria contornos *hardcore*. Os músicos tampouco pareciam à vontade, olhando a cada instante para o teto, onde vários garotos se empoleiravam nas estruturas metálicas, pairando perigosamente acima do público. O show chegou até a ser interrompido, inutilmente, para que eles descessem de onde estavam.

Dizer que o baixista Aston "Family Man" Barrett é a espinha dorsal do som dos Wailers é chover no molhado. Mas é sempre uma experiência única ouvir (e sobretudo sentir) o domínio e a segurança que o cara tem em modular as baixas freqüências. O lema "Dê-me uma bateria de apoio e eu moverei o mundo" poderia ser uma das leis da mecânica, segundo Barrett (e com um baterista como Bo Richards, ele não tem muito do que se queixar).

Após mais um punhado de canções como "No Woman, No Cry", "Positive Vibration", "War" e a indefectível "Get Up, Stand Up", a banda deu o show por encerrado, abreviando bastante o *set list* de costume. O público foi se retirando sem protestar — afinal, dadas as condições físicas do local, ninguém estava muito a fim de continuar ali por mais tempo. *CLÁUDIO CAMPOS*

BRIAN MAY
Imperator (RJ)

Reúna bons músicos. Comece pelo excelente Cozy Powell, na bateria, e Neil Murray (ex-Whitesnake e ex-Black Sabbath), no baixo. Descole um guitarrista jovem, veloz, desses da geração Satriani/Vai, com cursos na Berklee e muitas horas de estudo. Junte três *backings vocals* (duas mulheres e um homem) bem afinados. Agrupe o tecladista Don Airey (ex-Rainbow e também ex-Black Sabbath). Daí, só pode sair um hard rock do cão, de sangrar os tímpanos. Mas aí, no comando do time, ponha Brian May, guitarrista do Queen, tocando suas composições. A receita desanda e o show fica chato para cacete.

May é um guitarrista — e pior, compositor — dos anos 70. Toca bem — fez até escola com o timbre de sua guitarra —, mas é um romântico incurável. Com exceção da primeira música (uma paulada), a maioria das outras composições apresentadas no show começavam com aquele "bago bago" meloso, para depois descambar num rock "denorex" (parece pesado, mas não é). Resumo: não agradou ninguém, com exceção dos fãs da linha "podem-urinar-na-minha-cabeça-que-está-tudo-bem". Quem esperava coisas modernosas ficou decepcionado. Quem esperava um May metaleiro, sem as frescuras do Queen, também não teve o que celebrar. *CÁSSIO LEITE*

1992

O ANO EM QUE A DANCE FICOU NO UNDERGROUND

Apesar dos poucos grandes sucessos da dance neste 92 bem rock'n'roll, o underground esteve ativo como nunca. Num piscar de olhos, em BPMs de tecno, isto foi 92 na dance. Se você perdeu alguma coisa, esta é a hora de recapitular as principais músicas, nomes e tendências. CAMILO ROCHA

•Adeva

•"Nu Nu", Lidell Townsell

•Sunscreem

•Bizarre Inc.

•"Rhythm is A Mystery", K-Klass

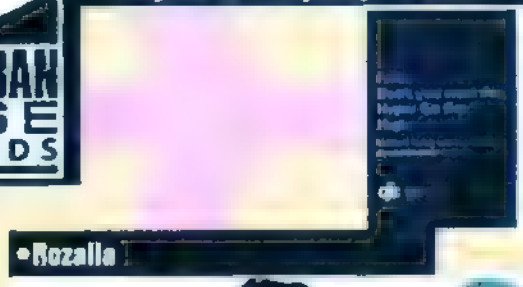
- •"Rhythm Is A Dancer"
- •Ce Ce Peniston
- •Inner City
- •*Disco* para todos os lados
- •"On A Ragga Tip" SL2
- •Shut Up And Dance
- •Remixes de Steve 'Silk' Hurley
- •Raves
- •"Please Don't Go" e as covers bagaceiras
- •"O Fortuna" Apotheosis
- •Brothers In Rhythm
- •Media Records
- •Magic Marmalade
- •Paul Oakenfold & Steve Osbourne
- •"Don't You Want Me" Felix
- •*Red Hot + Dance*
- •En Vogue
- •Masters At Work
- •"Too Blind To See It" Kym Sims
- •The Orb
- •Suburban Base
- •Roger S
- •"James Brown Is Dead" LA Style
- •Civillés + Cole
- •As mil versões de "Understand This Groove"
- •Altern 8
- •"It's A Fine Day" Opus III
- •"The Hitman" AB Logic
- •Shamen
- •"Jump" The Movement
- •Martha Wash e Loleatta Holloway gravando seus próprios discos

SUBURBAN BASE RECORDS

•"Don't Lose The Magic", Shawn Christopher

- •Joey Beltram
- •Mass Order
- •ascensão e estagnação do garage
- •Prodigy
- •"Comin' On Strong" Desiya
- •Lil Louis
- •A invencibilidade do tecno
- •Strictly Rhythm
- •2 Unlimited
- •XL Records
- •Brand New Heavies
- •Jungle, hardcore, ragga e todas as subdivisões do tecno

•"Give You", Djaimin


•Rozalla

•Ten City

•Joey Negro

U2
Achtung Baby: The Videos, The Cameos And A Whole Lot Of Interference From Zoo TV
Direção: vários, 1992
(65 min., hi-fi stereo digital. PolyGram)

Fazendo jus ao slogan "maior banda de rock da atualidade", o U2 pôs as imagens da turnê *Zoo TV* para a posteridade no que é seu melhor vídeo (incluindo aí *Rattle And Hum*). São nove clips, dois com três versões diferentes, intercalados por uma entrevista editada na louca, chamada *Interference*.

Essas "interferências" são marcadas por obsessão pela televisão e seus derivados: velocidade absurda e palavras de ordem na tela. A primeira delas apresenta uma biografia da banda desde outubro de 80 até o momento presente, a fase "homem-mosca" de Bono. Clips antigos vão sendo sobrepostos a imagens atuais, dando a sensação de um álbum de fotografias filmado. Essa biografia é tão bem feita, que já valeria a fita.

Tem também o clip inédito "Until The End Of The World", com suas imagens ultrassaturadas de computação gráfica (cortesia do diretor Wim Wenders) que chegam a embaralhar a vista. Talvez por isso, até dê para fazer vista grossa à única chatice da fita: a terceira versão de "One". "Mysterious Ways" é o melhor dos clips. Filmado no Marrocos, com cores berrantes, mostra Bono tentando a dança do ventre.

JOSÉ JULIO DO ESPÍRITO SANTO

IMPORTADOS

LOU REED *Magic And Loss – Live In Concert* *(EUA, 1992, 90 m., Warner)* O material amargamente belo do disco de Reed é apresentado ao vivo, mas sem platéia, como convém ao tom sóbrio das canções. Há também versões para alguns de seus velhos hits como "Sweet Jane" e "Waiting For The Man" • **RED HOT CHILI PEPPERS *What Hits?!*** *(EUA, 1992, 60 m., PMI)* Coletânea de clips que inclui "Fight Like A Brave", "Behind The Sun" e a versão de "Higher Ground" (Stevie Wonder), além de quatro números ao vivo • **MINISTRY *In Case You Didn't Feel Like Showing Up (Live)*** *(EUA, 1992, 56 m., Warner)* A usina de ruídos de Al Jourgensen e Paul Barker, flagrada aqui ao vivo com dois bateristas (Bill Rieflin e o ex-PIL, Martin Atkins), num show em Nova York, na noite de Ano Novo de 89 • **DR. FEELGOOD *Going Back Home*** *(GB, 1992, 60 m., Grand)* Traz vários *takes* do quarteto inglês ao vivo nos idos de 75, ainda com a formação original (com as peripécias de Wilko Johnson na guitarra), detonando seu *pub rock* furioso.

C.P.

METALLICA
Cliff'Em All
Direção. Jean Pellerin e Doug Freel 1987 (90 min hi-fi stereo, PolyGram)

Chega ao Brasil com cinco anos de atraso o pai dos *home videos* toscos de heavy metal, copiado depois pelo Skid Row e outros. O Metallica compilou vídeos piratas, feitos com uma só câmera amadora, com imagens balançando, fora de foco e sem nitidez. Algumas músicas foram gravadas com câmeras profissionais, mas a qualidade do áudio não é menos sofrível.

Como o nome sugere, o vídeo é dedicado a Cliff Burton (morto em 86), um herói do baixo, aqui com duas doses de instrumental "Anestesia", mais um solo sem nome. Estão na fita os clássicos thrash dos três primeiros discos do grupo, como "Seek And Destroy", "Creeping Death" e o arregaço "Metal Militia". Além da cover de "Am I Evil?", do grupo inglês Diamond Head. No baladona "Fade To Black", o público acende isqueiros no melhor estilo Queen. E o Metallica sentindo o gostinho de banda de estádio.

JOÃO RICARDO LIMA

O NORTE CONTRA ATACA

Em Belém, o rock se agita em oportuna sincronia com o centro do país

MOSAICO DE RAVENA

De alguns anos para cá, a capital do Pará vem se tornando um dos grandes redutos roqueiros do Brasil. O rock local conquistou um grande público, o respeito e reconhecimento da imprensa. O teatro Waldemar Henrique se tornou o templo deste movimento, já que as casas noturnas não abrem espaço para as bandas tocarem. Mas a grande festa acontece durante o Rock Na Praça, uma verdadeira maratona de shows ao ar livre que dura ininterruptas 24 horas. Essa promoção reúne uma média de 25 bandas locais, escolhidas em meio a uma centena de bons grupos.

HARD ROCK/ METAL

Entre eles destacam-se os grupos metálicos. Numa cena que vai do hard rock ao death metal, o rock paraense já invadiu as rádios européias, quando o **DNA** emplacou o hit "Metal City" por lá. A música virou clip e para 93 a banda promete o primeiro álbum.

Já o **Morfeus** alcançou boa popularidade em Belém e fez shows em outros estados, inclusive em São Paulo. Completando o cenário vale citar bandas como **Retaliatory**, **Jolly Joker**, **Satanic Ritual**, **Dr. Stein**, **Esmeril** e os **Green Hell Angels**, que estão se preparando para uma pequena turnê latino americana.

PUNK/ HARDCORE

Também existem fortes representantes do punk rock e hardcore como **Deliquentes**, **Contraste Social**, **Gestapo**, **Anomalia**, **Protesto** e **NTN** (grindcore na linha Napalm Death), todos incluídos numa coletânea que está saindo do forno. Outros nomes como **Babyloides**, **Despatriados** e o **Insolência Pública**, o primeiro grupo punk surgido nesta capital.

BELÉM POP

Entre as bandas pop de Belém, destacam-se o blues do **Espargo De Marfim**, os **Anjos Do Abismo**, que faz um som entre o progressivo e o gótico, além do rock de garagem de grupos como **Metáfora**, **Orgasmo**, **Adrenalina**, **Tribo** e **Solano Star**.

Três bandas do pop rock paraense chegaram aos seus primeiros álbuns em 92. O **Álibi De Orfeu** foi produzido por Edgar Scandurra, que também participou de duas faixas. O **Mosaico De Ravena** realizou um disco duplo com produção própria e o **Violetha Púrpura** mixou seu álbum em Los Angeles.

IRÃ PAZ

ÁLIBI DE ORFEU

ZINE

Fritz Lang, Ministry, Einsturzende Neubauten, Drácula, Baudelaire e My Bloody Valentine se encontram neste fanzine em xerox que já está no seu segundo número. Encomendas para: *Kaspar Zine*, Rua Espírito Santo, Divinópolis (MG). CEP 35500-030.

RICK NELSON

Ele foi o primeiro ídolo pop formado pela televisão – milhões de pessoas nos EUA acompanharam o crescimento de Ricky no show semanal de seus pais (verdadeiros) na série *The Adventures Of Ozzie And Harriet*, primeiro no rádio, no final dos anos 40, e depois na TV. Em abril de 57, no episódio "Ricky, The Drummer", pela primeira vez o caçula da família cantava uma canção; depois, cada filme da série terminava com Ricky cantando, um recurso infalível para promover seus discos, uma carreira fonográfica de grande sucesso, que começou no selo Verve com "I'm Walking /A Teenager's Romance" (um milhão de cópias vendidas).

Em seguida, fechou contrato de cinco anos com a gravadora Imperial, de Los Angeles. A inexperiência de Rick, flagrante nos primeiros singles e no álbum de estréia, foi compensada pelo apoio de excelentes músicos de estúdio como Barney Kessel e Joe Maphis. Já no final de 57, Rick mantinha sob contrato a banda que tomou de Bob Luman, formado pelas "feras" James Burton, James Kirkland, Richie Frost e Gene Garth, o que tornou essenciais os discos de Ricky da fase Imperial. Aos dezoito anos, Ricky já era um experiente ator quando apareceu no clássico western *Rio Bravo*. Não quis relevar a carreira no cinema, preferindo concentrar-se nos seus discos, lançando compositores como Dorsey & Johnny Burnette, Sharon Shelley, Jerry Fuller, Dave Burguess e Baker Knight.

Aos vinte anos, tirou o "y" de seu nome e em 62, quando os tempos de rock'n'roll já tinham passado, Rick era apenas um entre tantos *teen idols*. Foi quando surpreendeu lançando uma balada em que justamente questionava sua condição de astro, numa reflexão amarga e apelando para ser compreendido; a canção "Teenage Idol" pôs fim ao mito do garoto eternamente feliz e despreocupado, como seus milhões de fãs o viam. Rick queria crescer. Já em 63 trocou a Imperial pela Decca, e os hits começaram a rarear, comprometidos por álbuns difusos, medíocres. Em 66, quando a série de TV com seus pais foi suspensa, Rick aos 26 anos era considerado ultrapassado. Na obscuridade, lançou um álbum excepcional, *Country Fever*, fundindo pioneiramente o rock e o country. Rick iria trilhar esse caminho com impecável zelo — no final dos anos 60 passou a integrar a fabulosa Stone Canyon Band. Nos anos 70, Rick compareceu a um show de *rock revival* no Madison Square Garden e, contrariando a platéia que queria um show nostálgico, apresentou um *set* de velhos hits com tratamento country rock, mais seu repertório atualizado que incluía canções dos Rolling Stones, Randy Newman, Bob Dylan e Eric Andersen. Impiedosamente vaiado, foi curar suas feridas na comovente canção "Garden Party", desculpando-se por não querer viver de memórias. A nova fase da carreira de Rick Nelson durou até 31 de dezembro de 85, quando morreu num terrível acidente durante um vôo. Ficamos com seu legado de música de qualidade e uma imensa saudade.

RENÉ FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Ricky (57, Imperial) *EUA*
Ricky Nelson (58, Imperial) *EUA*
Ricky Sings Again
(59, Imperial) *EUA*
Rick Nelson Country
(73, MCA) *EUA*
Rare Items Vol. 1
(coletânea, 82, Imperial) *Holanda*
Rare Items Vol. 2
(coletânea, 82, Imperial) *Holanda*

ESTA RÁDIO

JOVEM PAN 2 FM 100,9

TEM A CARA DE SÃO PAULO!

DISCOS

DISPONÍVEL EM
CASSETE
COMPACT DISC

AVALIAÇÃO
INDISPENSÁVEL
BOA PEDIDA
VALE CONHECER
NÃO FAZ FALTA
MANTENHA DISTÂNCIA

RAMONES
Mondo Bizarro
Loco Live
(Chrysalis/EMI-Odeon)

Se você tiver dinheiro para comprar um disco este fim de ano, não tenha dúvida. Compre *Mondo Bizarro*, o décimo-sexto lançamento da carreira dos Ramones, aí incluídas as coletâneas. Está nas lojas também o duplo ao vivo *Loco Live* (91), mas perde de longe para *Mondo...*, o melhor disco deles desde *Subterranean Jungle* (83).

O rock dos Ramones é tão básico que nem se pode falar de "fases" ao analisar o trabalho do grupo. Eles nunca tiveram uma mudança radical no seu som. E isto é muito bom. O novo disco é ainda melhor do que o último álbum de estúdio deles, *Brain Drain* (89), pois marca o reencontro dos Ramones com um antigo produtor da banda, Ed Stasium, que trabalhou com o quarteto em *Road To Ruin* (78) e *Too Tough To Die* (84).

O *habitué* das vanguardas Bill Laswell (produtor de *Brain Drain*), quase foi com eles para o estúdio outra vez. Para sorte de todo mundo, Stasium assumiu os controles. Se não conseguiu alterar o som paleolítico da banda, Laswell pelo menos deixou tudo mais rarefeito, frouxo. Faltou o *punch* "ramônico", que só aparecia nas pauladas "Pet Sematary" e "Ignorance Is Bliss". Desta vez, não. *Mondo Bizzarro* é uma porrada só.

"Censorshit" abre a bolacha mandando pau nos censores e trazendo a voz de Joey Ramone muito parecida com o Mick Jagger, nos Stones *circa* 1969. A batida continua forte na hilariante "The Job That Ate My Brain" e na meio heavy "Poison Heart". O primeiro lado é fechado como se deve, com três músicas rapidinhas, quase surf rock com a velocidade da luz.

Entre os destaques do outro lado estão a "romântica" "Tomorrow She Goes Away" e o deboche de "Cabbies On Crack". E, claro, "Heidi Is A Headcase", com uma personagem que poderia ser prima da Sheena "punk rocker". Um discão. Quase completando sua segunda década de estrada, os Ramones fizeram um álbum com fogo de estreante.

Para os fãs de carteirinha, *Loco Live* é uma festa. São 33 faixas com as mais seletas "ramonices" gravadas em Barcelona. Quantas bandas podem reunir no repertório axiomas do rock como "Rockaway Beach", "Rock 'N'Roll High School", "I Wanna Be Sedated", "Psycho Therapy" e tantos outros? Uma aula de rock, com um único senão: para quem não conhece as músicas aqui apresentadas, o melhor é tomar contato primeiro com as versões em estúdio. O show esbanja pique, mas as canções ficam meio semelhantes entre si. Todas ótimas, mas muito parecidas.

THALES DE MENEZES

YO-HO-DELIC
(Tinitus)

Eles prometeram e cumpriram. Primeiro foram anunciados pela imprensa como a grande novidade de 92. Depois que saiu a coletânea *1*, da Tinitus, os críticos mais espertinhos trataram logo de dar um cacete danado nos caras. Mas é assim mesmo. Quem sai na chuva é para se molhar. A melhor resposta do grupo foi um discão "cala-boca" desses.

Pode não ser a sétima maravilha do universo, nem a salvação isolada do rock tupiniquim, mas no todo, em meio à agitação geral que rola por aí, este álbum tem um papel fundamental na consolidação desse novo movimento de rock no país.

Aí vem aquela velha lamúria de "mas-eles-cantam-em-inglês". Cantam sim e foda-se! Eu mesmo fui um dos que elocubraram sobre esse assunto. Bobagem! Depois do clipaço de "Brazil, Banana, Samba" (um dos melhores já realizados nesta terra) e desse álbum tive que admitir: eles sempre estiveram certos. Mercado brasileiro, sim, mercado internacional, também. Dane-se que seja em inglês. O importante é que o grupo é bom, que Patossauros (voz, sax, flauta), Marinho (baixo), Quacker (guitarra) e Dennis (bateria) são feras tanto no palco quanto no estúdio e que seu disco é uma ótima estréia.

"Shut Up", a faixa de abertura, mostra a que o grupo veio: a já tradicional mistura de funk com metal regada a Hendrix e Zappa. O rock boogie "Tijuana Dreams", que aparece na sequência, remete aos texanos do ZZ Top. Daí em diante vem "Peace", os *wah wahs* alucinados de "Kraziod" e a suprema "Brazil, Banana, Samba", cartão-de-visitas hardcore do país.

"Edge Of Insanity" é um arrastão à la Sly & The Family Stone. "Innocent Animal Sex" é uma viagem doidona, cheia de flautas, enquanto "Frontiers Of Thai Land" castiga no peso. "Funk" é uma baboseira instrumental, solada de qualquer jeito num sax tosco — tipo "Gato Barbieri-de-meia-tigela".

Já "Sister Needle" direciona o grupo para as paradas de sucesso. Se eles não souberem aproveitar o apelo comercial dessa baladona pegajosa é porque não merecem mesmo ganhar dinheiro.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

CULTURE CLUB & BOY GEORGE
Spin Dazzle
(EMI-Odeon)

Ideologicamente, o Culture Club foi muito rock'n'roll: um vocalista sexualmente polêmico, ascensão fulminante, fãs histéricos, piração dos membros, preguiça mental a partir do terceiro disco, envolvimento pesado com drogas, muitos escândalos e uma carreira solo do vocal sta cheia de esquisitices. Musicalmente é pop clássico do início dos 80, misturando reggae, soul e funk, grudento mas estiloso. Esta coletânea pega todas as fases. Faltam boas coisas do CC ("It s A Miracle", "The War Song"), mas tudo que é preciso ter das incursões solo de Boy George está aqui. Compre isto e procure nos sebos a compilação perfeita do CC, *This Time*. *C.R*

BON JOVI
Keep The Faith
(Mercury/PolyGram)

Compreendo perfeitamente que, para muita gente dez anos mais nova que eu, "November Rain" carregue uma carga emocional tão grande quanto "Changes", "Love Will Tear Us Apart" ou "Heroes" tiveram para mim na epoca

Tanto que consigo perfeitamente me divertir com o Bon Jovi. Apesar de Journey, Van Halen, Lynyrd Skynyrd, Status Quo, Kiss, Bruce Springsteen e tudo mais que for rock de arena anos 70 e metal chiclete dar os caras no BJ Mas o mix é único e eficiente

A faixa-título que todo mundo já ouviu é um bom exemplo. Tem aquela batidinha Happy Mondays/Stone Roses, já usada em *big rock* em "The Fly" do U2 (que também cedeu a guitarra percussiva de The Edge para Richie Sambora, nesta faixa) Tem vocais descabelados de hard rock ; teclados com timbre de *cold wave*, linha Depeche Mode antigo e aquela produção grandiosa característica de Bob Rock. Um *crossover* que colou.

Outros destaques que fogem um pouco à tradição bonjoviana: "Blame It On The Love Of Rock'n'Roll" e "I'll Sleep When I'm Dead", boogies bem John Cougar Mellencamp (OK, referências 90: The Black Crowes, Arc Angels). E "Dry County", a baladona *western* épica para a moçada acender isqueiros nos estádios

A dúvida que fica. Será este disco é um produto totalmente sem alma, um show de marketing cuidadoso e só? Ou será bom pop, resultado do amadurecimento de uma banda que ainda ama rock de arena, como eu? *Anyway*, no rádio é jóia. *A.F*

MARILLION
A Singles Collection 1982-1992
(EMI-Odeon)

Quando o Marillion andou no Brasil no Hollywood Rock de 90, fez um show que foi um porre. Voltou esse ano e mostrou que não melhorou Essa coletânea só comprova a mediocridade do grupo seja com Fish ou Steve Hogarth como vocalista Mas muita gente adora e vai torrar um bom dinheiro que seria melhor aproveitado em milk shakes e hot dogs. Mais um dado que confirma a máxima: "Milhões de moscas não podem estar erradas, coma merda". *J.J*

PAT METHENY
Secret Story
(Geffen/BMG-Ariola)

Pat Metheny é um guitarrista de bons recursos técnicos e um experimentador de novas tecnologias mas tem poucas — muito poucas — novas idéias musicais. *Secret Story* navega num córrego que não chega a qualquer lugar mais distante que a ante-sala dos consultórios de massagem oriental. Ainda que se considere o solo de guitarra em "The Truth Will Always Be", ou a percussão de Naná Vasconcelos, ou a gaita de Toots Thielemans, o que há neste álbum duplo é apenas clima. E uma bela exibição de sintetizadores, para fazer nanar os bois *R P*

A LITTLE LIGHT MUSIC
Jethro Tull
Chrysalis/EMI-Odeon)

Para comemorar o primeiro quarto de século de existência do Jethro Tull, Ian Anderson e seus velhos companheiros (e bota velho nisso) registraram os shows apresentados na Europa e em Israel em maio passado. Todas as músicas ganharam uma roupagem acústica. O resultado é interessante na versão instrumental de "Living In The Past" ou "Under Wraps", com o bandolim de Dave Pegg. Outras músicas, no entanto, foram estragadas nessas regravacões — como "Too Old To Rock And Roll, Too Young To Die", que traz desde modinha de viola até temas de churrascaria. Apesar da aparência caquética, o pessoal parece que vai enfrentar outros 25 anos. *J.J.E.S*

YANKEE
(Columbia/Sony)

Porque uma grande gravadora contratou essa banda? Porque eles são uma tremenda farofada, cantam em português, tem uma balada pegajosa, pronta para entrar em trilha de novela, não tem vergonha de posar de rebeldezinhos do hard rock e, finalmente, são o tipo de banda que "vai dar certo" na mentalidade cega das *majors*. Se você for esperto vai guardar seu dinheiro para a enxurrada de lançamentos independentes de rock brasileiro, onde você se divertirá mais e ainda vai colaborar com a "causa nobre" dos alternativos. *C.E.M.*

PETER GABRIEL
Us
(Real World/EMI-Odeon)

Famoso pelo caráter reservado, Peter Gabriel surpreendeu geral ao se expor abertamente em *Us* — seu primeiro álbum de estúdio em mais de seis anos. Em conseqüência de um tratamento psicanalítico, boa parte das músicas do disco foram inspiradas por seu relacionamento com a ex-esposa Jill Moore, a atriz Rosanna Arquette (com quem teve um rumoroso *affair*), os pais Ralph e Irene, e as filhas Anna e Melanie.

Mas o que interessa mesmo aqui e que, em termos estritamente sonoros. *Us* mostra uma interessante simbiose entre a acessibilidade pop do álbum anterior *So* e os ritmos pan-culturais de *Passion*.

A riqueza do timbres aí presentes está resumida em "Come Talk To Me", onde samplers Fairlight comungam com gaitas de fole, doudouk, uma Fender Telecaster e os tambores da tribo Babacar Fayre.

Dando uma mão a Peter Gabriel, também há feras como Brian Eno, Tony Levin, Shankar e Daniel Lanois aparecendo com boas intervenções, mas o toque *sui generis* coube ao ex-baixista do Led Zeppelin, John Paul Jones: na faixa "Fourteen Black Paintings", ele ataca de baixo, teclados e... surdo!

Ao envolver magistralmente seu canto/reflexão com tintas pop, *loops* eletro-percussivos e fragmentos de tradições milenares, Peter Gabriel provou estar bem distante da autocomiseração que muita gente anda querendo lhe impingir.

Us pode até não ser fácil de se ouvir, mas deve ser considerado, seguramente, um dos melhores discos de 92. *A.G.C.D*

BEL
(Tinitus)

Banda em selo independente esforçado em tempos de crise teoricamente merece nossa força. Mas só se for competente. Pelo menos isso os cariocas da Bel são, mas não muito mais. Suas melodias, arranjos e refrões eficazes podem preencher o vazio deixado pelos antigos Paralamas e Titãs. Só que atualizado para 92 — isto é, mais agressivo. Alguns problemas: o vocal nos melhores momentos lembra Jorge Benjor, mas nos piores parece Biquini Cavadão; a produção é absolutamente datada, no padrão "funky 81" seguido pelos Fabio Fonsecas e Liminhas da vida. *C.R*

MUDHONEY
Piece Of Cake
(Reprise/Warner)

As bandas de Seattle têm atitude. O Nirvana quer destruir o mundo. O Soundgarden quer reconstruir o mundo. O Mudhoney está pouco se fodendo. *Piece Of Cake* (quer dizer moleza, barbada, em inglês), terceiro álbum do Mudhoney e o primeiro a sair no Brasil (sem contar o anterior, *Every Good Boy Deserves Fudge*, lançado em edição limitada por aqui pela loja paulista Studio Tan) reafirma, para muito além da dúvida, que alguns músicos como eles, simplesmente, "don't care", não dão a mínima. E isso é muito legal.

Já se escreveu que Mudhoney é uma cópula bestial entre The Fall e Black Sabbath. Verdade. Mas também é verdade que nunca como em *Piece Of Cake*, a fórmula *grunge* aparece tão cristalina, sem afetações à la Pearl Jam ou arrebentada pelo niihilismo compulsivo do Nirvana.

O último disco do Mudhoney tem todos os elementos da trinca "black" que esculpiu o tal som de Seattle, elevados à potência máxima: a cavernice do Black Sabbath, a pegada do Black Flag e o terremoto desconstruído do Big Black.

Se você já escutou coisa mais pesada do que faixas como "Living Wreck", "Take Me There" e "Suck You Dry" é porque você é tão velho quanto o universo e presenciou ao vivo o Big Bang. Só não dá para falar das letras. O disco veio sem encarte e não consegui entender nada.

Every Good Boy Deserves Fudge sugeria uma banda meio brincalhona demais, algum cruzamento indesejável entre Black Sabbath e They Might Be Giants. Ainda bem que não vingou.

O novo álbum retoma, melhorado, o poder destrutivo do primeiro, o auto-intitulado *Mudhoney*. Tem lá suas piadas – vinhetinha de baixo e peidos, solinhos country, mas nada muito chato.

Para a turma "bandwagonesque" que está entrando no trem de Seattle agora, é sempre bom avisar: o Mudhoney foi a primeira banda de lá que estourou nacionalmente, com o doce single "Touch Me, I'm Sick" (a capa era uma privada sobre um fundo azul-calcinha). Foi a última das grandes a assinar com uma gravadora *major* – no caso deles, com a Warner.

Entrou mais grana, o som não mudou e estamos todos felizes. *ÁLVARO PEREIRA JR.*

D

FIREBOX
Out Of Control
(•)

Rock dos brabos num disco de estréia bacana, mas com um problema: é igualzinho ao Motörhead. O vocal, então, nem se fala. Uma pena, pois podiam muito bem seguir a linhagem dos gringos fazendo um som próprio. Poder de fogo não falta, como deixa transparecer "Supersticious *(sic)* Ways", uma das poucas coisas originais que o grupo apresenta aqui. *C.E.M.*

ORQUÍDEA NEGRA
Who's Dead
(Antídoto)
CASA DA SOGRA
(Camerati)

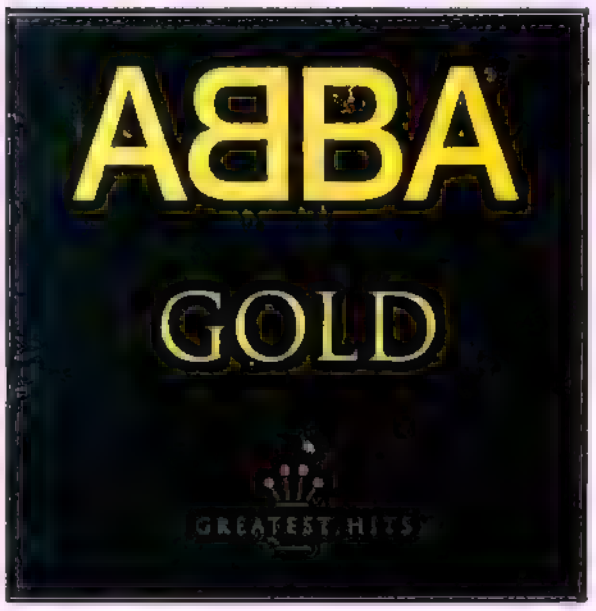
Dois discos que valeriam pelo pioneirismo, se fossem lançados há dez anos. O mal-produzido Orquídea Negra, de Santa Catarina, não se define. "Wonderful And Lost" lembra Marillion com um "Rob Halford cover". Pior, o Casa da Sogra, de São Paulo, cantando em português, sem disfarçar as letras ingênuas. O hard rock brazuca não emplacou. Grupos bem melhores, como Kamikaze e X Rated, ainda não decolaram. *J.R.L.*

WET WET WET
High On The Happy Side
(Fontana/PolyGram)

O encarte já avisa: "Isto é uma coleção de canções novas com velhas influências. Elas foram colocadas aqui com o único objetivo de divertir". É verdade, dá para perceber acordes de dezenas de grupos de soul em várias faixas, um pianinho de Barry Manilow em "Maybe Tomorrow" e até Crosby, Stills & Nash em "Celebration". Só que isso não diverte nadinha. Se esses escoceses usassem o potencial acústico em um som folk, o resultado seria menos pior. *J.J.E.S.*

DAVID BOWIE, MOBY E OUTROS
Cool World
(Sire/Warner)

Trilha muito acima da média, para todos os gostos. Tem dance-pop: Bowie se saindo bem em "Real Cool World" e o Electronic virando Pet Shop Boys em "Disappointed". Tecno: o genial Moby com dois vendavais cibernéticos e os novos queridinhos do gênero, Future Sound Of London, com a etérea "Papua New Guinea". Tem até som cabeça, com Brian Eno, e eletrônico/industrial nos esforços razoáveis do My Life With Thrill Kill Kult e Ministry. E ainda Thompson Twins e The Cult. Diversão certa. *C.R.*



ABBA
Abba Gold
(Polydor/PolyGram)

Bom, aqui estou em mais uma de minhas missões impossíveis: convencer você de que o Abba é legal. Para começar, alguns fatos que provam que nos últimos anos o Abba subiu muitos pontos na escala de credibilidade. O Erasure gravou um EP só com covers do grupo. O U2 toca "Dancing Queen" nos seus shows (música que também voltou a tocar em muitas pistas). O Björn Again, um divertido grupo "Abba cover", virou *cult* absoluto na Inglaterra, com gente como o Nirvana usando suas camisetas depois de uma apresentação consagrada deles no festival de Reading.

Grupos como Roxette e Pet Shop Boys não escondem sua dívida com os mestres suecos. Fora isso, há uma reavaliação (séria) da qualidade e influência do grupo.

"Abba é o supra-sumo do lixo descartável, da papa açucarada dos cafonas anos 70", você poderia dizer. OK, posição política aceitável durante o dito período. Mas o tempo e a distância fazem a gente enxergar melhor e as perspectivas mudam. Stax, Burt Bacharach, a Jovem Guarda, Kiss, Slade, Black Sabbath, Sweet, *disco* são só alguns exemplos de coisas legais desprezadas pelo "bom gosto" vigente no seu tempo e que os anos ajudaram a reavaliar e reconhecer.

O Abba é um dos mestres na sua área, o pop puro, levando aos extremos todos suas características básicas — grude, assimilação fácil, diluição de outras formas estilístico-musicais, que agrada a gregos e troianos. Diversão e acabamento perfeito. O Abba é radical e honesto nessa área, não fazendo concessões a cabecices, bizarrices, politização, profundidade, seriedade e refinamento (como disse o DJ e radialista inglês John Peel, "o bom gosto é inimigo da música pop"). Como James Brown e Sly Stone no funk, Led Zeppelin e Black Sabbath no metal e – numa lista que vai de Phil Spector a Boy George – o Abba no pop.

Ah é, eles também gravaram coisas como "Chiquitita" e "Fernando". Normal, se Os Stones, Os Beatles e Lou Reed tiveram seus deslizes, porque não o Abba?

É hora de zerar o "conceitômetro" e ir fundo em "Dancing Queen", "Knowing Me, Knowing You", "Lay Your Love On Me", "The Winner Takes It All", "Super Trouper"... admita, isso é tudo muito legal. *CAMILO ROCHA*

BEIJO AA FORÇA
(Tinitus)

Que maravilha esse Brasil brasileiro: um grupo que começou punk, agora leva um sambinha, na boa Em alguns momentos, a banda curitibana Beijo AA Força sugere uma versão paranaense dos Novos Baianos. Em outros, uma fusão de funk metal, rock'n'roll e grupo Rumo. A semelhança com este último está nos vocais dos sambas, quase declamados. E isto tem uma razão de ser: ao contrário da maioria das novas bandas brasileiras, que escamoteiam a falta de assunto cantando em inglês, o Beijo AA Força procura dar destaque às letras, que demonstram inteligência, coisa rara no tal novo rock brasileiro. Ainda que por vezes descambe em humor "vanguardista" manjado, o Beijo AA Força merece respeito. *L.R.M.*

EDSON CORDEIRO
(Columbia/Sony)

Edson Cordeiro fez de seu primeiro disco um mostruário vocal. Cantou impiedosamente – e sem variação interpretativa – um repertório que o acompanha em shows há dois anos: "Kiss" (Prince), "Mercedes Benz" (velho hit com Janis Joplin), "Down Em Mim" (Cazuza) e uma mistura da ária *Rainha Da Noite* (de Mozart) com "(I Can't Get No)Satisfaction", dos Stones. Deixou a impressão de que não compreendeu o que interpretou. "Mercedes Benz" e "Down Em Mim" são os melhores exemplos disso: na primeira, o cantor tornou ligeiro o que em Joplin era revolta; na segunda, fez ópera de um blues. Após esse disco, Cordeiro deve um tempo à reflexão. Ou será, definitivamente, um talento para arregalar os olhos dos convivas nos salões de festa — entre quitutes. *R.P.*

PRIMUS
Sailing The Seas Of Cheese
(Interscope/Warner)

Virtuosismo e barulho não são tão antagônicos assim. *Sailing The Seas Of Cheese*, do Primus – lançado em 91 e que só agora está saindo no Brasil — é o exemplo da entrada de uma nova geração de bons instrumentistas no cenário *underground* barulhento. Não foi por acaso que a banda recebeu um convite do Rush para abrir os shows que os canadenses fariam na turnê americana.

É inegável que Larry Lolonde (guitarra), Les Claypool (baixo e vocais) e Tim "Herb" Alexander (bateria) já gastaram horas adestrando dedos e pulsos, mas não desperdiçaram esse talento fazendo coisas na linha do rock progressivo.

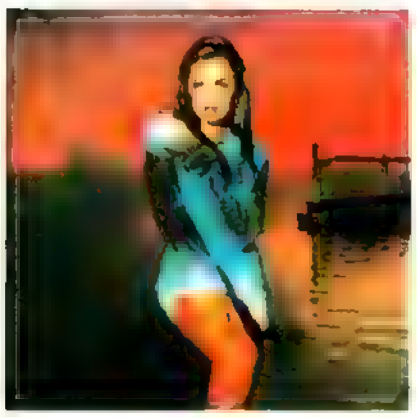
A maioria das faixas de *Sailing The Seas Of Cheese* traz um funk pesado (baixo e bateria), pincelado por uma guitarra distorcida e pesada. As letras, irônicas, são cantadas e recitadas em tom debochado. Os arranjos vocais — heresia para alguns — lembram, às vezes, coisas de Frank Zappa, que também influenciou a moçada do Scatterbrain, outro grupo dessa nova geração barulho/virtuosismo, que já foi definido por alguns, como uma espécie de "hardcore com as 'quebradas' e vocais zappianos".

Lolonde, veloz, digita escalas esquisitas e muito sujas. A pegada forte de Tim "Herb" Alexander vai na linha dos Infectious Grooves. Les Claypool estala raivosamente as cordas do baixo, demonstrando técnica impecável. Recentemente, posou em uma revista especializada dos EUA ao lado de seu ídolo, o demoníaco Geddy Lee, do Rush, em um bate-papo sobre o instrumento que tocam.

No mais, o disco tem participações de instrumentos um tando exóticos como, por exemplo, acordeões. E efeitos (barulhos) especiais, como os que lembram grunhidos de um porco.

"American Life" foi a faixa que a garotada pedia direto nas rádios dos EUA. "Is It Luck" traz um funkão pesado e distorcido, com um vocal repetitivo e pentelho. "Seas Of Cheese", o carro-chefe, juntamente com "Los Bastardos" e "Jerry Was A Race Car Driver" também se destacam pelos arranjos.

Em algumas faixas, essa fórmula virtuosismo/barulho/funk se esgota. Mas, no geral, *Sailing The Seas of Cheese* soa como uma experiência inovadora e interessante. *CÁSSIO LEITE VIEIRA*



VANESSA WILLIAMS
The Comfort Zone
(Polydor/PolyGram)

Vanessa Williams é aquela mulata que perdeu o título de Miss América, por posar nua para a *Penthouse*. Além do belo corpo, ela tem uma boa voz. Seu segundo disco, *The Comfort Zone*, tenta cobrir todos os estilos da música negra americana. Tem desde a influência dos Isley Brothers ("Still In Love"), até coisas que lembram Janet Jackson ("2 Of A Kind"). O único senão são as babinhas como "Save The Best For Last". Mas a maioria das faixas demonstram qualidades. *V.J.*

MUDHONEY, ALICE IN CHAINS E OUTROS
Singles
(Epic/Sony)

Este álbum tem dois méritos: 1) é uma boa oportunidade para conhecer algumas das melhores *guitar bands* americanas, como o Mudhoney, Screaming Trees ou o falecido Mother Love Bone. 2) Traz a clássica "May This Be Love" de Jimi Hendrix. Infelizmente o resto dos grupos presentes apresentam algumas de suas piores composições. É o caso do Soundgarden, Alice In Chains, Pearl Jam e das decepcionantes faixas de Paul Westerberg (dos Replacements). *L.F.*

WARRANT
Dog Eat Dog
(Columbia/Sony)

Jani Lane, o vocalista do Warrant, ainda que seja um dos mais intragáveis representantes do rock farofa, tenta ser humilde: diz que existem bandas que fazem coisas realmente importantes e outras, como o Warrant, que são para as pessoas ouvirem enquanto tomam cerveja. Ele está duplamente equivocado: rock importante é aquele que faz trilha sonora para cervejadas e o Warrant não é importante porque justamente não serve para isso. É indicado só para boyzinhos colocarem no toca-fitas do carro, no volume máximo, para impressionar as tontinhas. *R.C.*

SEXTRASH
Funeral Serenade
(Cogumelo)

Os caras do Black Sabbath não podiam imaginar o monstro que surgiria de seus ensinamentos, no caso do Sextrash, com defeitos elevados à enésima potência. A nova aberração do grupo mineiro trata de temas como necrofilia e sadomasoquismo. O som é algo como o Slayer mais lentão de *Seasons In The Abyss* com uma voz cavernosa do inferno. Para os fãs de death metal, *stage diving* garantido. *J.R.L.*

TESOUROS DA ILHA

Canções raras e inéditas do astro jamaicano numa caixa quádrupla

Surge um precioso pacote dedicado a **BOB MARLEY**. A responsabilidade é da viúva do cantor/compositor — Rita Marley — e do empresário/produtor que "inventou" o reggae como produto popular para as massas não-jamaicanas, Chris Blackwell (fundador do selo Island). Ambos se reuniram para compilar esse **Songs Of Freedom** (Tuff Gong/Island).

São 78 faixas espalhadas ao longo de quatro CDs organizados por época (1962/1970, 1971/1975, 1975/1978 e 1978/1980), com um interessantíssimo libreto de 64 páginas acompanhando o pacote, recheado de anotações referentes a cada gravação, mais entrevistas com artistas variados (entre eles Eric Clapton), além de textos e ensaios assinados por Timothy White (autor de Catch A Fire, a biografia mais completa de Marley) e Rob Partridge (diretor de imprensa do selo Island entre 77 e 90).

É um meticuloso trabalho de garimpo de arquivos, que traz rico material inédito (como "High Tide Or Low Tide" (uma amarga gravação de 69), "Iron Lion Zion" e "Why Should I" (ambas possivelmente de 71), takes raros ("No Woman No Cry", gravada ao vivo no Roxy, de Los Angeles, em 78 e a demo de "Stir It Up"), singles obscuros ("One Dub") e momentos históricos – abrem e fecham o caixote a primeira gravação de Bob, "Judge Not" (de 62) e uma versão de "Redemption Song", do último show de Marley).

O set se concentra em material inédito e difícil de se encontrar, sendo recomendado aos convertidos que já têm em casa tudo de Marley. Para os novatos no assunto, funciona melhor combinado ao álbum de grandes sucessos Legend, de 84.

JOSE EMILIO RONDEAU

GIL ENTRE ALTOS E BAIXOS

Um grande feito do produtor Amir Chediak foi reunir **HERMETO PASCHOAL, PARALAMAS DO SUCESSO, CAETANO VELOSO, RITA LEE, EDUARDO DUSEK, TIM MAIA** e outros em uma homenagem a Gilberto Gil. A lista de artistas da coletânea **Songbook Gilberto Gil** (editada pelo selo independente Lumiar) parece até índice de enciclopédia de MPB. Mas qual foi o critério para a escolha de intérpretes? Será que foi por sorteio? E o que parece, tão forçadas e desajeitadas são algumas das interpretações.

Entre as 34 faixas dos três volumes, até **JORGE BEN-JOR** se dá mal, em "Palco". Imagine então **KID ABELHA** cantando "Eso-térico". A maior parte dos artistas se limitou a acrescentar seus trejeitos às músicas de Gil. Ou fazer versões melodramáticas, pré-bossa-nova. Mas o pior é a interpretação arrastada para "Oriente" feita por **CASSIA ELLER**. Terrível.

MORAES MOREIRA, GAL COSTA e poucos outros se dão bem, porque Gil é a praia deles. Mas o melhor é **PAULINHO DA VIOLA**, que faz "Felicidade Vem Depois" parecer sua.

LUIZ RICARDO MAUSER

DISCO DO MÊS: **MORRISSEY Your Arsenal** (EMI-Odeon)

Nem Prince, nem Madonna...O vencedor de dezembro foi o ex-vocalista dos Smiths em sua terceira e mais bem-sucedida empreitada solo. O segundo lugar ficou com o idiossincratico – e porisso, polêmico – disco novo do R E.M..Os independentes brasileiros DeFalla e Killing Chainsaw também obtiveram boas colocações.

R.E.M.
Automatic For The People
(Warner)

DeFALLA
Kingzobullshit
(Cogumelo)

ARC ANGELS
(Geffen/ BMG-Ariola)

KILLING CHAINSAW
(Zoyd)

PRINCE AND THE NEW POWER GENERATION
(Symbol) (Paisley Park/ Warner)

ANDRE FORASTIERI	1	0	6	6	5	0
ARTHUR G COUTO DUARTE	9	8	8	-	8	7
CAMILO ROCHA	8	6	4	5	0	1
CELSO FIORAVANTE	8	10	6	-	7	10
CELSO PUCCI	6	9	4	7	7	1
EVA DOORY	9	7	7	-	7	8
JEAN YVES DE NEUFVILLE	7	7	-	4	-	8
JIM JOE	8	10	8	-	7	8
JOSE AUGUSTO LEMOS	10	1	-	-	-	2
FERNANDO MAGOO	8	7	8	7	7	9
ROGERIO DE CAMPOS	0	3	7	9	4	3
ZECA CAMARGO	9	10	7	5	-	10

CLASSIFICAÇÃO GERAL

ARTISTA/DISCO	MÉDIA
1 MORRISSEY *Your Arsenal* (EMI-Odeon)	6,91
2 R.E.M. *Automatic For The People* (Warner)	6,58
3 DeFALLA *Kingzobullshit* (Cogumelo)	6,50
4 ARC ANGELS (Geffen/ BMG-Ariola)	6,14
5 KILLING CHAINSAW (Zoyd)	5,77
6 PRINCE AND THE NEW POWER GENERATION *(Symbol)* (Paisley Park/ Warner)	5,58
7 EMF *Stigma* (EMI-Odeon)	5,30
8 MADONNA *Erotica* (Maverick/ Warner)	5,25
9 PIN UPS *Gosh (A Mellow Project By Pin Ups)* (Zoyd)	5,18
10 ROXETTE *Tourism* (EMI Odeon)	3,75
11 ENGENHEIROS DO HAWAI *Gessinger, Licks & Maltz* (RCA/ BMG Ariola)	3,27
12 EXTREME *III Sides To Every Story* (A&M/ PolyGram)	2,41

GRAVADORAS INDEPENDENTES (SP, (011) 284 7428 · Tutus · R

Não se trata de uma apologia tardia ao marxismo. O que **Kapital** (Mute) do **LAIBACH** quer é questionar a física nuclear. É o caso de "Kinderreich", onde *beats* eletrônicos tantalizantes e o cello de Ollie Kraus deslizam sobre o texto de Einstein. Outro *must* é "Sponsored By Mars", que contou com a participação especial de... Yuri Gagarin! Musicalmente, o grupo nunca soou tão arrojado – vide o uso do sampler de diálogos dos filmes *O Bebê de Rosemary* e *Alphaville* ou o redimensionamento sinfônico dado ao rap ("Hymn To Tire Black Sun"). Esses eslovenos confirmam que são mesmo da pá virada.

ARTHURG. COUTO DUARTE

Os **LEMONHEADS** mudaram. Na verdade, vêm mudando desde *Lovey*, álbum de 90. Em **It's A Shame About Ray** (Atlantic), quinto e mais recente disco da banda de Boston liderada por Evan Dando, o pendão para o som acústico é mais do que evidente. A crítica estrangeira comparou Dando a Gram Parsons e já o considera um dos melhores compositores americanos da atualidade. Exagero ou não, o fato é que ele convence (ainda que tenha exagerado um pouco nos violões e corra o risco de perder os fãs de sua fase mais pesada). Faz pop com rara inteligência e sensibilidade, conseguindo imprimir uma atmosfera ao mesmo tempo bucólica e urbana, romântica e irônica, às suas canções

DANIEL BENEVIDES

Três boas razões para gostar dos **CHAINSAW KITTENS**: 1) Não é um grupo de Seattle 2) Os seus integrantes não usam bermudões 3) o vocalista não se encaixa na categoria "bonitinho-com-cavanhaque-e-cabelo-comprido". Mas a melhor razão de todas é o disco **Flipped Out In Singapore** (Mammoth). Produzido por Butch Vig (o Liminha de Seattle), o segundo disco da banda da Carolina do Norte é uma surpreendente conjunção entre boas melodias e zoeira inclemente. Tyson Todd Mead, o vocalista e letrista com visual de bruxa é responsável pelo inusitado do grupo. Voz personalizada e letras entre o esquizóide e o surrealista. Às vezes soa como um Jane's Addiction bem cantado. Para quem se tornar fã, uma dica: o terceiro álbum do grupo já está na boca do forno.

JEFERSON DE SOUZA

Um futuro promissor para o **SHAMEN** é o que se pressente em **Boss Drum** (One Little Indian). É tecno diluído, é rap desengonçado, é dance populista, é cultura rave para tocar em rádio, mas como tudo soma para resultar em pop divertido, é muito bom. "Ebeneezer Goode", "Phorever People" e "L.S.I." são os melhores exemplos dessa fórmula vencedora. Um pouco de enrolação, com alguns *dubs* e viagens sem sentido, mas no geral uma boa trilha de fazer as paredes vibrarem. *CAMILO ROCHA*

Liderado por Nick Cave, o **BIRTHDAY PARTY** foi um dos mais influentes grupos dos anos 80, apesar do curto tempo de sua existência (apenas quatro anos). Uma boa oportunidade para quem não conhece o som desses australianos está na coletânea **Hits** (4AD), que traz desde os primeiros trabalhos do grupo (quando ainda se chamavam The Boys Next Door), até as derradeiras composições e um ótimo encarte histórico. Um disco essencial.

LEANDRO FORTINO

Imagine um bando de malucos, pós-hippies fazendo um som instrumental multireferencial que vai do reggae a psicodelia mais rasgada. E só para complicar pense no incomum nome de batismo: **OZRIC TENTACLES**. Essa família de ingleses *freaks* vem assombrando o mercado alternativo britânico. **Live Underslunky** (Dovetail), o quinto álbum da banda liderada pelo guitarrista Ed Wynne, é um registro ao vivo de sonoridades que vão do esquisito ao onírico.

FÁBIO MASSARI

Os **DROP NINETEENS**, de Boston, demonstram que ainda há salvação para o desgastado casamento da distorção com melodia em seu álbum de estréia, **Delaware** (Caroline). Capitaneado pelo casal de vocalistas/guitarristas Greg Ackoll e Paula Kolley, o quinteto faz canções que oscilam da zoeira da faixa-título ao esperto hit "Winona", passando pela candura de "My Aquarium" (lembrando um encontro de Björk com James Taylor!).

CARLOS MARCELO

Convenções:
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

[illegible]

1 (4) *Angel Dust* Faith No More PolyGram
2 (N) *Erotica* Madonna Warner
3 (3) *Ten* Pearl Jam Sony
4 (2) *Automatic For The People* R.E.M. Warner
5 (1) *Achtung Baby* U2 PolyGram
6 (11) *III Sides To Every Story* Extreme PolyGram
7 (N) *Welcome To Wherever You Are* INXS PolyGram
8 (N) *Your Arsenal* Morrissey EMI-Odeon
9 (15) *V* Legião Urbana EMI-Odeon
10 (N) *Mental Jewelry* Live EMI-Odeon
11 (14) *Tourism* Roxette EMI-Odeon
12 (R) *Badmotorfinger* Soundgarden Sony
13 (N) *Mondo Bizarro* Ramones EMI-Odeon
14 (N) *Gessinger, Licks & Maltz* Engenheiros Do Hawaii BMG-Ariola
15 (N) *Sla 2 - Be Sample* Fernanda Abreu EMI-Odeon
16 (16) *Bricks Are Heavy* L7 PolyGram
17 (10) *Facelift* Alice In Chains Sony
18 (N) *As Ugly As They Wanna Be* Ugly Kid Joe PolyGram
19 (9) *Temple Of The Dog* PolyGram
20 (6) *Bloodsugarsexmagik* Red Hot Chili Peppers Warner

[illegible]

1 (N) *Dirt* Alice In Chains Sony
2 (1) *Automatic For The People* R.E.M. Warner
3 (11) *Mondo Bizarro* Ramones EMI-Odeon
4 (N) *Psalm 69* Ministry Warner
5 (16) *Tourism* Roxette EMI-Odeon
6 (8) *Bricks Are Heavy* L7 PolyGram
7 (N) *O Canto Da Cidade* Daniela Mercury Sony
8 (R) *Vulgar Display Of Power* Pantera Warner
9 (5) *Ten* Pearl Jam Sony
10 (2) *Erotica* Madonna Warner
11 (N) *Gessinger, Licks & Maltz* Engenheiros Do Hawaii BMG-Ariola
12 (N) *Singles* trilha sonora Sony
13 (R) *The Mind Is A Terrible Thing To Taste* Ministry Warner
14 (6) *Temple Of The Dog* PolyGram
15 (3) *(Symbol)* Prince & The New Power Generation Warner
16 (10) *Us* Peter Gabriel EMI-Odeon
17 (N) *Evolution* Viper Rock Brigade
18 (N) *Piece Of Cake* Mudhoney Warner
19 (N) *Kingzobullshit* De Falla Cogumelo
20 (R) *Some Girls Wander By Mistake* Sisters Of Mercy Warner

[illegible]

1 *The Chase* Garth Brooks Liberty
2 *Timeless (The Classics)* Michael Bolton Columbia
3 *Unplugged* Eric Clapton Reprise
4 *Some Gave All* Billy Ray Cyrus Mercury
5 *Love DeLuxe* Sade Epic
6 *Pure Country (soundtrack)* George Strait MCA
7 *Keep The Faith* Bon Jovi Mercury
8 *Automatic For The People* R.E.M. Warner
9 *Ten* Pearl Jam Epic
10 *Erotica* Madonna Maverick/Sire

[illegible]

1 "I Will Always Love You" Whitney Houston Arista
2 "How Do You Talk To An Angel" The Heights Capitol
3 "If I Ever Fall In Love" Shai MCA
4 "Rump Shaker" Wreck-N-Effect MCA
5 "I'd Die Without You" P.M. Dawn Arista
6 "End Of The Road" Boyz II Men Motown
7 "Rhythm Is A Dancer" Snap! Arista
8 "Real Love" Mary J. Blige MCA
9 "What About Your Friends" TLC Arista
10 "Good Enough" Bobby Brown MCA

[illegible]

1 *Cooper Blue* Sugar Rykodisc
2 *99,9 F* Suzanne Vega A&M
3 *Sweet Oblivion* Screaming Trees Epic
4 *Us* Peter Gabriel Geffen
5 *Automatic For The People* R.E.M. Warner Bros.

[illegible]

1 *Cher's Greatest Hits: 1965 — 1992* Cher Geffen
2 *Glittering Prize 81/92* Simple Minds Virgin
3 *Timeless (The Classics)* Michael Bolton Columbia
4 *Greatest Hits* Gloria Estefan Epic
5 *Keep The Faith* Bon Jovi Jambco
6 *Automatic For The People* R.E.M. Warner Bros.
7 *Gold — Greatest Hits* Abba Polydor
8 *Erotica* Madonna Maverick/Warner
9 *God's Great Banana Skin* Chris Rea Eastwest
10 *Boss Drum* The Shamen One Little Indian

[illegible]

1 "End Of The Road" Boyz II Men Motown
2 "Would I Lie To You?" Charles & Eddie Capitol
3 "People Everyday" Arrested Development Cooltempo
4 "Boss Drum" The Shamen One Little Indian
5 "Run To You" Rage Pulse 8
6 "Be My Babe" Vanessa Paradis Remark
7 "Never Let Her Slip Away" Undercover PWL
8 "Supermarioland" Ambassadors Of Funk/MC Mario Living Beat
9 "I'm Gonna Get You" Bizarre Inc. Vinyl Solution
10 "Who Needs Love (Like That)" Erasure Mute

[illegible]

1 *Inspiringly Titled* Mega City Four Big Life
2 *Eleven-Eleven* Come Placebo
3 *Cooper Blue* Sugar Creation
4 *Revenge Of The Goldfish* Inspiral Carpets Mute
5 *Boss Drum* The Shamen One Little Indian

Leitor, sua participação é importante! Escreva para a *Bizz - Parada Dos Leitores* - Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479, São Paulo, SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consultá-lo se necessário.

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), de 23/11 a 07/11, *Melody Maker*, *New Musical Express* e *Music Week* (GB), de 21/11 a 28/11. Para a *Parada dos Leitores* foram consideradas as cartas recebidas até 07/12/92.

Lojas consultadas: Cogumelo Discos (BH), Pop Som (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound, Sub Som e Mesbla (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), Baratos Afins, Bossa Nova, Musica Box, Wop Bop e Mesbla (São Paulo) em 30/11/92.

Peter Gabriel

DIGGING IN THE DIRT

(Peter Gabriel)

	CAVANDO NA SUJEIRA
Something in me dark and sticky	*Algo em mim escuro e pegajoso*
all the time it's getting strong	*se fortalece o tempo todo*
no way of dealing with this feeling	*não ha nenhuma maneira de lidar com esta sensação*
can't go on like this too long	*não posso continuar assim por muito mais tempo*
This time you've gone too far (3 X)	*Desta vez você foi longe demais (3 X)*
I told you, I told you I told you, I told you	*eu te disse, eu te disse eu te disse eu te disse*
(repete)	*(repete)*
Don't talk back	*Não responda insolentemente*
just drive the car	*apenas guie o carro*
shut your mouth	*cale sua boca*
I know what you are	*eu sei o que você é*
don't say nothing	*não diga nada*
keep you hands on the wheel	*mantenha suas mãos no volante*
don't turn around, this is for real	*não vire para tras, isto é para valer*
Digging in the dirt	*Cavando na sujeira*
stay with me, I need support	*fique comigo, preciso de apoio*
I'm digging in the dirt	*estou cavando na sujeira*
to find the places I got hurt	*para encontrar os lugares onde fui ferido*
open up the places I got hurt	*abrir os lugares onde fui ferido*
The more I look, the more I find	*Quanto mais eu olho, mais eu encontro*
as I close on in, I get so blind	*enquanto fecho o cerco, vou ficando tão cego*
I feel it in my head, I feel it in my toes	*sinto isso na minha cabeça, sinto isso nos dedos dos pés*
I feel it in my sex, that's the place it goes	*sinto isso no meu sexo esse é o lugar para onde vai*
This time you've gone too far (3 X)	*Desta vez você foi longe demais (3 X)*
I told you, I told you, I told you, I told you	*eu te disse eu te disse eu te disse eu te disse*
(repete)	*(repete)*
(repete terceira estrofe)	*(repete terceira estrofe)*
Digging in the dirt	*Cavando na sujeira*
stay with me I need support	*fique comigo, preciso de apoio*
I'm digging in the dirt	*estou cavando na sujeira*
to find the places I got hurt	*para encontrar os lugares onde fui ferido*
open up the places I got hurt	*abrir os lugares onde fui ferido*
I'm digging in the dirt	*estou cavando na sujeira*
stay with me, I need support	*fique comigo preciso de apoio*
I'm digging in the dirt	*estou cavando na sujeira*
to find the places I got hurt	*para encontrar os lugares onde fui ferido*
to open up the places I got hurt	*para abrir os lugares onde fui ferido*
Digging in the dirt	*Cavando na sujeira*
to find the places we got hurt	*para encontrar os lugares onde nos fomos feridos*
(repete)	*(repete)*

Todos os direitos reservados

EDITORA
AZUL

Fundador
CTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor-Gerente: Carlos C Arruda

REDAÇAO

Diretor: Jose Augusto Lemos
Redator-Chefe: Andre Forastier
Editor: Celso de Sales Pucci
Editor Assistente: Camilo Rocha
Editor de Arte: Richard Kovacs
Redator: Rogerio de Campos
Reporter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Producao: Marcelo de Castro
Diagramadores: Antonio Fernando Morra RenatoYada (Japao)
Correspondentes: Ana Maria G Lemos (Londres) Jose Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Alvaro Pereira Junior Andre Barcinski ArthurG Coulo Duarte Carlos Marcelo Cassio Leite Claudia Lima Claudio Campos, Fabio Massari Hagamenon Brito,Jefferson de Souza, Jimi Joe Joao Ricardo Lima, Jose Julio do Espirito Santo Leandro D Fortino Luis C audio S Garrido Luiz Henrique Romagnolli Luis Ricardo Mausel Marisa Adan Gil, Otavio Rodrigues Rene Ferri Rosane Pavam Thales de Menezes
Fotografia: J Santana RobinLyne RuiMendes **Traduçao** Ronaldo Mascarenhe Chistine Ditchfield (Sex Pistols)
Revisao e Preparaçao de Texto Alexandre Ortiz Ramos

PUBLICIDADE

Diretor: Rogerio Rainer
Gerente de Contas. Miguel Castello
Supervisores de Contas: Joao Jorge Rangel Maria Gisele Magno Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas. Oswaldo Maffei Jr
Contatos. Ana Maria Lobo Marilia Hindi (Dir.) Tania Mattiana (Aq.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lidia Camarate
Marketing Publicitario: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan Jose Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: Andre Felipe D'Amato
Gerente de Promoçoes: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Fraza
Azul Press-Gerente: Benjamin S Gonçalves
Operaçoes Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsavel: Liege de Lima Dona Castelli

BIZZ 90 e uma publicaçao mensal da Editora Azul S.A. **Sao Paulo - Redaçao e Correspondencia:** Av. Naçoes Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Telegramas.** Editabril, Abril Press. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Camara, 160, 15º andar, grupos 1534/35, CEP 20020-80, Centro, tel. (021) 532-0313, telex (021) 36890, fax (021) 532-1468, CP 4816. Telegramas: Editabril, Abril Press. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicaçoes Ltda., Quinta Paiu Varais, Azinhaga dos Freiras, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo numero de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicaçao que a interrupçao na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o proprio assinante, implicara a restituiçao, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que nao forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variaçao do IPC-A divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substitui-lo. Com sua assinatura, seu nome e automaticamente incluido no cadastro da Editora Abril, o qual podera ser cedido a empresas idoneas para fins unicamente de divulgaçao e promoçao de seus produtos que julgamos ser de seu interesse. Caso nao queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Circulaçao desta revista, **janeiro/93. Numeros atrasados,** ao preço da ultima edicao em banca, por intermedio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicacoes Abril de sua cidade. Distribuida com exclusividade no pais pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicaçoes, Sao Paulo. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Fotoline Ltda, Postscript Artes Graficas, Bureau Azul
IMPRESSA NA DIVISAO GRAFICA DA EDITORA ABRIL S.A

OS MAIORES ASTROS DO ROCK EM FOTOS ALUCINANTES!

ALICE IN CHAINS

E MAIS:

L7
Red Hot Chili Peppers
Simply Red
De Falla
Nirvana
Maxi Priest
Bon Jovi
Madonna
U2
R.E.M.
INXS
George Michael

REVISTA BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS
NAS BANCAS

EDITORA AZUL

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

ALBUM BIZZ
Biografia, Letras e Fotos

SET
Cinema e Video

SET 1000 VIDEOS
Selecao dos Melhores Videos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Art

BOA FORMA
Ginastica, Esporte e Saude

HOROSCOPO
Astrologia

HOROSCOPO
Previsoes

SAUDE E VITAL
Prevencao e Saude

CARICIA
Comportamento Jovem

AÇAO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

Sao Paulo: Av. Naçoes Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - (011) 211-7866 - Fax (011) 813-9115 - Sao Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Camara, 160 - 15º andar - grupos 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-80 - Tel. (021) 532-0313 - Fax (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York, N.Y. 10165 - Phone (001212) 557-5990 - 993 - Telex (00) 237670 - Fax (001212) 983-0979
Paris: 33 rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone (00331) 42 66 31 18 - Telex (0042) 660731 ABRILPA - Fax (00331) 42 66 13 99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasilia: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venancio II - sala 202 - CEP 70300 - Brasilia DF - Tel. 061, 223-2134 - Fax (061) 226-4164
Campinas: CZ Press - Com. e Representaçoes Ltda. - R. Antonio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas SP - Tel. Fax (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560, sala 1904, Ed. City Center, CEP 30140, Belo Horizonte MG - Tel. (031) 224-9534 - Fax (031) 226-2059
Parana: M.L.C. - Representaçoes Comerciais - R. Candido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba PR - Tel. (041) 253-4048 - Fax (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre RS - Tel. Fax (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 1 - Cong. Village II - Florianopolis SC - Tel. (0482) 32-0519

CARTAS

REGINA VOX

Não concordo com a Regina M. R. Silva quando ela diz que não gostou da matéria sobre o U2 e diz que não é fanática pelo grupo. Sinto muito, Regina, mas quem tem quase tudo sobre determinada banda e acha que ela é a única melhor do mundo, é fanática sim. E não há mal nenhum nisso!

Margarete de Moraes
Santo André/SP

Quero deixar bem claro que não gosto nenhum pouco do U2, não li porra nenhuma de reportagem sobre U2, achei um desperdício aquela capa horrível com aqueles dizeres mentirosos, "o maior show da Terra", assim como desperdício de mais da metade da seção de cartas, para publicar uma palhaçada que foi a carta da srta. Regina.

É uma palhaçada total dizer que uma banda que lança uma merda como *Achtung Baby* é a melhor banda de todos os tempos. E o Led Zeppelin, Pink Floyd e Deep Purple? Onde vão parar nesta histeria toda?!

Edilson Novaes de Souza
Campinas/SP

Sou fã do U2 e também achei a materia fraca, mas a Regina pirou: "não sou fanática, tenho 41 álbuns da banda, sem contar piratas, assino a revista oficial do U2" e o escambau. Não só é fanática pelo grupo como sofre de "bonomania", tão acentuada que chega ao cúmulo de dizer que Bono é o melhor vocalista da galáxia, em todos os tempos. Afirmação ridícula. O melhor cantor de rock de todos os tempos, Freddy Mercury, morreu no ano passado.

Paulo Bonfim Jr.
Jundiaí/SP

Eu gostaria de mandar um recadinho para a fanzinha fanática do U2 que desabafou as suas mágoas na BIZZ 87: Regina, não precisa gastar os seus dedinhos escrevendo aquelas baboseiras naquela cartinha imbecil, mal escrita e chata de se ler, nem precisa falar dos badulaques e bugigangas que você tem do U2. E também não precisa armar aquele escarcéu todo por causa de uma reportagenzinha mal feita.
Quem é fã do U2 não se ofende à toa com porcarias que escrevem a respeito deles, OK, sua babaca?

Silvia Costa Reis
Santos/SP

Sou solidária com a opinião da Regina de mandar o André Forastieri cobrir esses eventos, já que ele é um cara que tem vergonha na cara, um cérebro dentro da cabeça e ainda por cima é bonitinho.
Por favor, parem de gastar dinheiro em matérias importadas e ridículas e gastem essa grana mandando seus jornalistas cobrir tais eventos (nem que seja da platéia) e também no papel e nas fotos.

Alessandra Furtado Gomes
Joinville/SC

Meus queridos, meus amados, eu até já esqueci aquela coisa que vocês publicaram como sendo o diário de bordo da *Zoo TV Tour* do U2. Aquela baboseira irritante do melequento Jim Greer. Juro que esqueci. Sabem por que? Porque vocês foram infinitamente sensatos publicando, na íntegra, a carta maravilhosa da leitora Regina M. R. Silva, que lavou a honra do U2 com sangue e tortura psicológica. Fiquei sem ar, quase morro asfixiada com a carta.
Liguei para uma grande amiga, mais fã do U2 que eu, e li a carta, inteira, para ela, ao telefone. Quando acabei, nós já estávamos gritando: "Que menina arretada".

Cláudia Carvalho
João Pessoa/PB

Regina, dezenas de fãs do U2 escreveram pedindo seu endereço, escreva para nos dizer se quer que ele seja divulgado.

A Redação

AXL ROSE

Quando vi a capa da BIZZ 87, perdi o fôlego. Gente, como o Axl está lindo! Não que eu ache ele feio, mas é que tem fotos em que ele não está assim nenhuma Brastemp. Mas eu também não sou nenhuma Madonna... quem dera fosse, né?

Mônica Magali Bandeira
Santo André/SP

Finalmente, depois de tantas críticas em cima do Guns N'Roses, eu li alguma coisa que não me decepcionei em relação à revista.

Vanessa Postingher
Nova Prata/RS

Acho os Guns uma grande banda. Quem os critica são um bando de filho da puta que não tem o que fazer.

Reginaldo José de Souza
Pirassununga/SP

Eu sei que vocês irão receber muitas crítica sobre esta revista, questionando: "como vocês puderam colocar aquele bicha na capa", ou coisas como "droga de edição, foi a pior do ano" etc... eu sei...
Não se preocupem! Achei esta edição brilhante, espero ansiosa pela revista de novembro e podem ter certeza de uma coisa: vocês agradaram realmente os verdadeiros fãs do Guns N'Roses.

Ligia S.I.
São Paulo/SP

Vocês sempre foram d+, mas agora se superaram! A BIZZ 87 foi + q d+! Com Axl , aquele gatinho, na capa com aquele rosto lindo que só ele tem, a superentrevista, a materia com o Sepultura, que é demais, e a matéria com o Pearl Jam. Continuem assim, que vocês vão longe!

Renata Del Rio
Sabará/MG

ARGHXL ROSE

Venho comprando esta revista desde o seu numero 65. Mas, desta vez salvei o meu bolso de um grande equívoco. Me aborreceu demais essa BIZZ 87 com aquele Arghxl Rose na capa. Me aborrece mais ainda o fato dessa juventude imbecil, debilóide e ignorante adorar tantos cabeças ocas como ele. Me aborrece muito mais ainda o fato da BIZZ dar excessiva ênfase a uma matéria sobre a vida particular desse cara. O que ele tem a nos dizer? Que ele teve uma infância traumática? Que ele era, e ainda é, uma pessoa mimada? O que isso nos interessa?

Eduardo da S. Fletsh
Rio de Janeiro/RJ

Sexo nojento, drogas em excesso, nada de rock'n roll e muita baixaria, este seria o título perfeito para a capa do último numero da revista. Aí está mais um passo da BIZZ para o fundo do poço, quatro capas em dois anos com esses caras sujos, bêbados e drogados.

Rosélia de Sousa Veloso
S.Bernardo do Campo/SP

Arre, meu irmão!!! Axl Rose de novo na capa da BIZZ, até parece que a revista virou zine dos Guns. Alegria geral para as moçoilas afoitas e rapazotes "punhetinha de verão", desespero para nós, roqueiros de verdade.
Ai, que saudade do Led, Sabbath, Deep Purple, Rush, Pink Floyd, Clash, Iron...

Carlos R. M. Lima
Brasília/DF

Como tiveram coragem de colocar na capa novamente a banda mais babaca do planeta, o Guns N'Roses. Estou totalmente decepcionado.

David Rodrigues Elias
São Paulo/SP

É o seguinte:
1º - Por que a capa com a porcaria do Axl?
2º - Vocês estão é querendo brincar comigo, ou o quê?
3º - É comércio?

4º- Acreditam que não conseguiriam vender revista com outro artista na capa?
Vocês não estão satisfazendo a massa e sim uns babacas que só têm merda na cabeça.

Josemil da Silva Bill
Taguatinga/DF

Acabou!!! Um fenômeno que ocorre com várias bandas sem personalidade acabou de acontecer com a BIZZ: para vender mais revistas ela só põe merda comercial na capa. A revista precisa de vendas para sobreviver, mas deste jeito é demais.

Walter Hiepsel
Salvador/BA

Será que vocês da BIZZ conseguem dormir depois de ter posto o escroto do Axl Rose na capa da BIZZ pela quarta vez? O pior é que eu tenho que comprar essa revista, pois coleciono a BIZZ. O que salvou meu dinheiro foi a matéria sobre rock e política, por Ana Maria Bahiana.

Vanderlei Cezar da Cunha
Marília/SP

IZZY

Quando li que o Izzy Stradlin lançou seu primeiro trabalho solo, apostei com alguns amigos meus que se o disco não fosse muito ruim a crítica iria babar. Não deu outra. Como vocês são previsíveis! Os antigos adjetivos: antiquado, conservador, machista, etc... viraram "o bom e velho rock'n'roll". Tudo isso por quê? Porque jogou o sucesso fora e tornou-se *underground*? Talvez agora vai ser cultuado por gente besta que acha chique gostar do que ninguém gosta, citar nomes desconhecidos e parecer inteligente e esperto.

Claudia Martins
Rio de Janeiro-RJ

A matéria de Rogério de Campos sobre o disco solo de Izzy Stradlin foi a maior besteira que eu já li. Esse cara não entende nada do Guns. Não entende do que é bom. Ainda bem que o Izzy saiu do Guns pois, segundo Axl, ele era mesmo um cuzão. Seu disco pode até ser bom, mas nunca melhor que Guns!

Marcelo Garcia
Curitiba-PR

QUAL O PAPEL DA BIZZ?

Gostaria de parabenizar a BIZZ pela magnífica entrevista com o gato selvagem W. Axl Rose. Só não gostei porque foi impressa num papel ridículo que não serve nem para limpar a bunda.

Any Rose
Natal/RN

Quando vi o Axl Rose na capa da BIZZ quase não acreditei. Pensei: "Será que finalmente a BIZZ largou do pé dele?" Confesso que fiquei profundamente decepcionada...

Márcia Marques
Porto Alegre/RS

Amei a reportagem com o Axl. Só que a decepção bateu feio quando a li naquelas folhas horríveis! Eu preferia mil vezes que fosse toda a revista com essas malditas folhas e a entrevista com folhas "normais".

Tatiana Silveira
Montes Claros/MG

Achei totalmente ri-dí-cu-lo. Francamente, vocês me ofenderam...

Fernanda Skolaude
São Paulo/SP

É inadmissível que vocês publiquem toda a revista em bom e brilhante papel...

Márcia Luiza Wodewotzky Issak
Rio das Pedras/SP

Ridículo!! Em matérias com o Barão Vermelho vocês põem papel bom, e quando é com o gênio e único Axl Rose vocês põem aquele tipo de papel!

Yara Curan
São Paulo/SP

TINITUS

Prezado André Forastieri:
Sou obrigado a lhe agradecer curvado à generosa cobertura dada a nossa humilde Coletânea *1*, porém quero levantar a bola e me permitir um aparte singelo ao seu editorial-crítica. Nada sério, modestas observações de um leitor atento:
As Cinco Irmãs lá de fora aqui dentro são seis, contando com a Som Livre, e elas, as *majors*, não abandonaram o mercado pop rock, veja sua capa, sinta seus anúncios, elas apenas não querem cuidar das fraldas dos meninos.
Alternativos aos produtos de massa, com certeza ainda somos.
Alternativo como em "opção de escolha", mas prefiro ser "independente" porque donos de nosso próprio nariz.
A convivência entre nós, os *indies* e eles, os "bigues", fará uma ecologia saudável. Graças ao rodízio perpétuo de adolescentes que renovam o interesse pelo rock, não seremos vítimas de um holocausto nuclear "lambadístico-pagodeiro-country-prapular". Renasceremos sempre, porque queremos ficar ricos e xaropes.
Por falar nisso, nossos discos serão difíceis de encontrar, mas queremos vender. Escreva, telefone, publique meu endereço, espalhe, obrigado. Do caralho a ilustração do Macarrão. Atenção para Curitiba. Precisamos de anúncios baratos. Abraços, força na peruca.
PS.: Acho que os Paralamas já sabem da banda Bel, porque o Bi Ribeiro os co-produziu. Eles se falam ainda, não?
PPS.: Tenho certeza que você não ouviu a Coletânea *1*.
PPPS.: Elvis não morreu.

Pena Schmidt, seu criado
Gravadora Tinitus

André Forastieri responde: *OK, Pena. Provando pela milionésima vez que a BIZZ sempre vai dar aquela força para as bandas novas, lá vai seu anúncio grátis: "Gente, os discos da Tinitus são demais! O mais puro rock! Escrevam já para R. Teodoro Sampaio, 833/13, CEP 05405-050, São Paulo – SP, encomendando todos os discos da Tinitus!" Depois você me paga aquela cerveja.*

INDIE
RECORDS & VIDEOS
CD • CDV • VINIL • VHS • IMPORTADOS (USA-EUROPA-JAPÃO)
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO O BRASIL
Av. Pedroso de Morais 1053 /
Tel: (011)816.1220
Fax: 815.9882 / CEP: 05419-001
São Paulo SP

PAI DO ROCK
VENDA - TROCA - CONSIGNAÇÃO
NOVOS E USADOS
NACIONAIS E IMPORTADOS
FINANCIAMOS EM ATÉ 3 VEZES
RUA TEODORO SAMPAIO, 865 - FONE: (011) 883-6779
CEP: 05405 - PINHEIROS - SÃO PAULO - SP

IPA
INSTRUMENTOS MUSICAIS
REVENDEDOR AUTORIZADO: KORG
PEARL • IBANEZ • FENDER • SOUNDTRACS • REMO • ZILDJIAN • MARSHALL • NADY SYSTEM • SEYMOUR DUNCAN • ROSS • DI MARZIO • ERNIE BALL • GHS • PEAVEY • D'ADDARIO • JIM DUNLOP • TAGIMA • AUDIO TECNICA • BOSS • TAKAMINE • OVATION • JACKSON • ADA • TAMA • ENSONIQ
Toda a linha com um ano de garantia.
Solicite catálogo e preços por telefone.
COMPRA VENDA TROCA
TELEVENDAS PARA TODO O BRASIL
R: Teodoro Sampaio, 763 lj 09/14
(011) 282.5653 - 64.3430(fax) - CEP: 05405-050 - SP

THE YARDBIRDS

SMOKESTACK LIGHTNING VOL. 1/ BLUES, BACKTRACKS & SHAPES OF THINGS VOL. 2 (1991)

Jim McCarty, Jeff Beck, Keith Relf, Chris Dreja & Paul Samwell-Smith

Dentre as formações inglesas geradas nos anos 60, o quinteto Yardbirds sempre foi a mais difícil de se compartimentar. Além de catalisador do blues rock, o grupo inspirou os adeptos do *garage sound*, colaborou para o advento da psicodelia e estabeleceu as bases das futuras tendências hard rock e heavy metal. Sem contar que foi de suas fileiras que saíram três dos principais guitarristas da história: Eric Clapton, Jeff Beck e Jimmy Page.

Fundado em 63 a partir do ex-Metropolitan Blues Quartet, o grupo — Keith Relf (voz, gaita), Anthony "Top" Topham (guitarra solo), Chris Dreja (guitarra base), Paul Samwell-Smith (baixo) e Jim McCarty (bateria) — mudou de nome quando viram o termo *yardbird* (um vagabundo que vivia em meio às estradas de ferro) num livro de Jack Kerouac. A partir daí, com Clapton no lugar de Topham, consolidariam a fama nas domingueiras do Crawdaddy Club — o mesmo que, pouco antes, havia projetado os Rolling Stones.

Nesta época, o *set* do quinteto era composto do mesmo rhythm'n'blues *à la* Chicago adotado por outros grupos britânicos, mas com uma diferença crucial: suas versões eram mais experimentais, recheadas por improvisos — os *rave ups* — extra-longos. Por outro lado, à medida que Clapton se firmava como solista, seu relacionamento com os colegas deteriorava a olhos vistos. Ferrenho purista do blues, ele preferiu sair quando o grupo resolveu aproximar-se do pop.

Só que o pop dos Yardbirds nada tinha a ver com o "feijão-com-arroz" das paradas. Com Jeff Beck, a banda desenvolveu ousadas pesquisas em estúdio. São os casos de "Still I'm Sad" (derivada de um canto gregoriano do século 13), cuja profusão de ecos dá a impressão de ter sido gravada numa catedral e "Heart Full Of Soul", um dos primeiros sinais da influência da música hindu no rock – vide a simulação do som de uma cítara feita por Beck através de um pedal *fuzz*.

Recapitulando este trajeto, as 67 faixas dos CDs duplos *Smokestack Lightning Vol. 1/Blues, Backtracks & Shapes Of Things Vol. 2* (ambos Sony) representam virtualmente o melhor dos Yardbirds. No primeiro volume dessa compilação, o enfoque recai nas origens do grupo. Aí estão, seu single de estréia ("I Wish You Would"/"A Certain Girl"), as antológicas "I Ain't Got You" e "I'm A Man", *takes* ao vivo gravados no Marquee Club, coisas inéditas como "Putty (In Your Hands)" (um original das Shirelles), mais a íntegra dos álbuns *For Your Love* e *Having A Rave Up With The Yardbirds* – esse último com "You're A Better Man Than I" e "The Train Kept A-Rollin'", gravadas no mítico estúdio Sun, em Memphis, sob supervisão de Sam Phillips.

Já o segundo volume destaca o concerto que o grupo fez com o *bluesman* Sonny Boy Williamson, em 63. Só pelas dez faixas que marcaram o encontro, estaria garantida a supremacia dessa coletânea sobre as demais do mercado, porém há muito mais: sobras das sessões do álbum *Roger, The Engineer*, registros raros de um show no Crawdaddy (incluindo versões para "Who Do You Love" e "Let It Rock"), além da torrente de *feedback* de "Shapes Of Things" e "Stroll On", documento da aparição do grupo no filme *Blow Up*, de Michelangelo Antonioni – e um dos poucos registros do ataque dual de *lead guitars* da dobradinha Beck/Page.

Em suma, tanto pelo aspecto histórico quanto pela qualidade intrínseca do material presente, estas retro-edições se impõem como itens essenciais.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

PORRADA EM SEATTLE !

Trilha Sonora Original
com participação dos
grupos Alice In Chains
e Pearl Jam

Mais de 4 milhões
de cópias vendidas

Mais de 2 milhões
de cópias vendidas

LANÇAMENTO

Cidade de Seattle, berço do mais moderno e puro Rock, Hard Rock. É de lá que os grupos ALICE IN CHAINS e PEARL JAM vem mostrando para o mundo inteiro que fazer "Rock Porrada" é com eles mesmos.

CD • K7 • LP
Sony Music

Foto: RICARDO MALTA/BPC

biquini cavadão

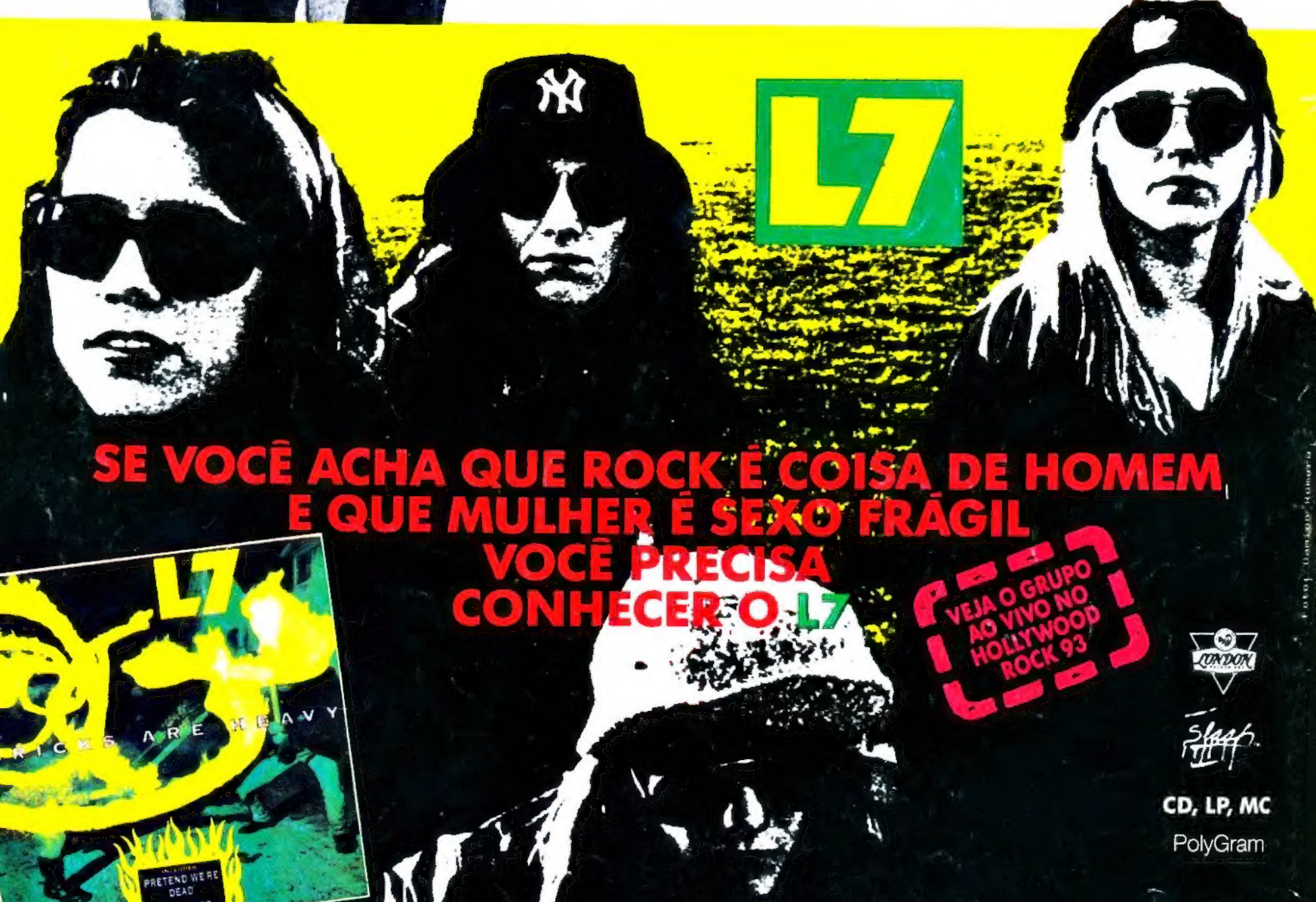
VEJA O GRUPO AO VIVO NO HOLLYWOOD ROCK 93

SE VOCÊ PENSA QUE JÁ OUVIU TUDO SOBRE O *BIQUINI*,

ELES VÃO PROVAR QUE HÁ AINDA MUITO MAIS PARA VER

CD LP K7

PolyGram



SE VOCÊ ACHA QUE ROCK É COISA DE HOMEM E QUE MULHER É SEXO FRÁGIL VOCÊ PRECISA CONHECER O L7

VEJA O GRUPO AO VIVO NO HOLLYWOOD ROCK 93

LONDON

CD, LP, MC

PolyGram